Meus Primeiros Contos

Antologia de Constistas Brasileiros

Leo Cunha; Hebe Coimbra; João Guimarães Rosa;
Luiz Raul Machado;
Machado de Assis; Sylvia Orthof

Sumário Geral

O Sabiá e a Girafa
Leo Cunha

Num Pacato Vilarejo...
Hebe Coimbra

Fita Verde no Cabelo: Nova Velha Estória
João Guimarães Rosa

Chifre em Cabeça de Cavalo
Luiz Raul Machado

Um Apólogo
Machado de Assis

Zoiúdo: (O Monstrinho que Bebia Colírio)
Sylvia Orthof

O Sabiá e a Girafa

Leo Cunha

Leo Cunha nasceu em 1966, na cidade de Bocaiúva, em Minas Gerais e formou-se em Jornalismo e Publicidade pela PUC de Belo Horizonte. Em 1994, recebeu com “O Sabiá e a Girafa” os prêmios Bienal Nestlé, Jabuti e Ofélia Fontes — O melhor para a criança —, da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil. Além de escrever vários outros livros de contos e poesias (muitos também premiados), ele é tradutor e redator publicitário.

O Sabiá

Sabia que o sabiá sabia assobiar? Dizia o meu avô. Sabia que o sabiá sabia avoar? Avoa, vô, avoa. E de ave ele entendia.

Mas o sabiá da minha história não sabia avoar. Assobiar ele sabia. Mas, que mais batesse as asas, o sabiá não subia.

Avoa, sô, avoa! O pobre não decolava. Pulava lá do galho, aterrizava na bacia.

Não desistia o sabiá. Saltava, caía, pulava, caía, tentava, caía. Sabiá na bacia. À toa, sô, à toa. Todo mundo até ria, mas no fundo já sabia: o sabiá não sabia avoar.

Vivia a assobiar seu apetite: comer o ar, caber no ar.

Passar por cima das casas, das ruas, das gentes, do medo.

Passar de passarinho, passear devagarinho, sem pra onde nem caminho. À toa, à toa, a esmo. Só queria mesmo avoar.

Sonhos também havia. Asas arranhando a barriga das nuvens, vôos atravessando a manhã vazia. Mas, entre as trapaças da brisa, o sabiá não saía.

Assobiava que eu nem te conto. Antes, o canto de tenor, a cor na noite escura. Depois, o canto de temor, a dor da falta de altura. Cantava que eu nem te canto, o sabiá desencantado.

Dias de sonhos rasantes, noites de sono arrasado. Mas ele, ressabiado, teimava em assobiar. Dorremifava macio, no galho ou na bacia, o desejo de avoar.

Um dia, o sabiá dizia, um dia eu consigo avoar.

A Girafa

Girafa o meu avô não conheceu. Nunca teve o prazer, não foi apresentado. Mas o velho deitado dizia: filho de peixe, peixinho é.

Isso vale pra outros bichos. Girafa também é sempre igual.

Nada fala, tudo espia. Sem um pio, sem um fio de voz. Só em riso e pensamento, ironiza o mundo no andar de baixo.

Mas a girafa da minha história era muito diferente. A muda queria mudar. Não o mundo, mas a vida. Queria enganar o silêncio que lhe esganava a garganta. Queria encolher a dor de não escolher as palavras. Queria desemudecer.

E não bastava soltar umas palavras no vento. Também sonhava em cantar. Sonhava encantar o dia, molhar as tardes de poesia, melar o canto da noite com doces melodias.

Prestava atenção no trovão, no temporal, na ventania.

Tentava imitar o azulão, o rouxinol, a cotovia. Mas a voz não derramava. Então reclamava baixinho: para que tanta altitude, pra cantar só passarinho?

A girafa andava injuriada. Andava toda a cidade, do alto dos seus andares, adorando a paisagem. Mas ficava na saudade o canto de homenagem.

Um dia, jurava a girafa, um dia eu consigo cantar.

O Sabiá e a Girafa

O encontro se deu por acaso, por acaso o deus dos encontros.

O sabiá resolveu chorar no alto de um pé de caju. A girafa se lamentava no baixo daquele pé. Uma árvore muito esquisita, mas desgosto não se discute.

Estavam os dois ali. Os dois no mesmo pé. Ela vendo o que não cantava. Ele cantando o que não conhecia. Ele queria saltar nas alturas. Ela sonhava assaltar partituras.

E a dupla melancolia — ou foi a tal natureza? — tratou de cruzar os

caminhos. A sabedoria do vento mandou o sabiá pro espaço. Pra ver se ele avoava. Pra ver se acertava o compasso, o sabiá avoado.

Mas ele caiu de cabeça na cabeça da girafa. Silêncio. Sabiá assustado. Contudo, depois do susto, o coitado gostou do que viu. Cada passo da girafa passeava ele no céu. Cada girada do pescoço, um horizonte descoberto. E ele recomeçou a cantar.

A girafa ficou fascinada. Aquela voz afinada soltou sua cara amarrada. Desfez a careta enfezada. Ofereceu então moradia ao dono de tal melodia, de canto tão doce e terno. E o canto do sabiá virou o seu canto eterno.

O sabiá ficou morando na cabeça da girafa. A girafa, namorando o canto do companheiro.

Minha história acaba aqui. Mas a dos dois continua, sem platéia nem juiz, depois do final feliz.

Num Pacato Vilarejo...

Hebe Coimbra

Hebe Coimbra nasceu em Porto Alegre, em 1948. Mora no Rio de Janeiro onde trabalha como professora de português e revisora. Esse texto, em versos rimados, tem muito humor e é considerado Altamente Recomendável pela FNLIJ.

Num pacato vilarejo
pelo qual passava um rio
vivia-se o dia-a-dia
na maior sensaboria.
Nenhum fato singular
nenhum feito notável
nada de espetacular.
Tudo, tudo, sempre igual

ou, senão, bem parecido.
Pra quebrar a insipidez
lá em quando, quando em vez
um evento diferente
reunia toda gente.
Nos casos de morte
ou nascimento
batizado, aniversário
ou casamento.

Amanhecia.
E todos despertos, espertos
ligados, de pé.
E leite, manteiga, pão e café.
E saíam.
E agiam.
Almoçavam.
As obrigações todas em dia.
Anoitecia.
Jantavam.
Apagavam as luzes
desligando mais um dia...

Prolongar mais pra quê?
Tê-los compridos como um bassê?
E preenchê-los com o quê?

Os assuntos
batidos e rebatidos.
Escassos.
O palavreado disperso
esparso:

bom-dia
chuva grossa
chuva pouca
anzol
vento frio
boa noite
papel ofício
tomate
peixe
estio...

A vida um dos outros
e a dos outros por cada um
mais que sabida.
De trás pra frente
de todos os lados.
Cada fato conhecido
de cor e salteado
do princípio até o fim.
Detalhes, minúcias
tintim por tintim...

O presente e o futuro
sem maiores atribulações.
Prontos. Determinados.
Nada a ser questionado.
Desde o ventre já se vinha
com o destino traçado.
O filho do barbeiro
barbeiro seria.
O filho de Astolfo
seria marido

da filha de Lia.

E assim lá se iam
na uniformidade os dias.
Sem grande alegria
nem plural melancolia.
Num ramerrão tão quão
esta rima em ia.

Não eram felizes.
Nem tampouco infelizes.
Eram somente
pessoas descontentes
porém convenientes
que moravam num vilarejo
pelo qual passava um rio
onde a vida sem surpresas
transcorria...

Mas, dizem
não se sabe se é lenda
se é fato
ou se de fato é lenda
apareceu...

Na madrugada.
Em silêncio.
Não se pode precisar a que horas.
Com exatidão suíça
não se pode dizer nada a respeito.
Porque recolhidos nos seus leitos
todos do vilarejo dormiam.

Exceto Manuel
o dono do armazém
que por essas casualidades
que de raro aconteciam
não se sentiu muito bem
teve uma dor de barriga
que o obriga a levantar-se.
E então olha pra fora
está escuro, é quase aurora
e vê...
Ou não vê?
Não acreditou no que viu?
Ou não viu?
Sonhava?
Ou estava acordado?
Não era muito importante.
Ou era?
Viu?
Ou não viu?

Acostumado como estava
a ter sono corrido
e a viver sem novidade
Manuel ficou dividido
entre o cômodo e a originalidade.
Fez um esforço danado.
Queria manter os olhos abertos
mas tinha o sono pesado.
Tentava prestar atenção
mas o sono usava trucagem.
Ah, não viu nada não.
Pura alucinação.

Miragem.
Buscou resistir.
Não conseguiu.
Voltou pra cama e dormiu.

E na manhã seguinte
por maior o seu empenho
sacudindo a cabeça
enrugando o sobrecenho
pra refrescar as idéias
afastar os pensamentos
lhe vinha a lembrança
daquele momento.
Do que viu na madrugada.
Ou será que não viu nada?
Mas todo esforço à toa.
Então foi trabalhar numa boa.
Bem... nem tão numa boa assim...
Foi meio que conjeturando
foi meio que duvidando...

Desse instante em diante
muita coisa aconteceu.
Graças a Manuel
que, desse modo, delirante
muitos erros cometeu.

Manuel abriu o armazém
e logo chegou Serafina.
Filha de Josefina
neta de Ambrosina
bisneta e etcétera

de outras inas.
Família de doceiras
de mulheres trabalhadeiras.
Famosas por suas tortas
saborosas.
Mais ou menos...
No vilarejo
ninguém fazia coisas estupendas
ou maravilhosas.
— Pra fazer os meus doces
quero farinha, leite, ovos
manteiga, cravo e canela
e pra mexer as panelas
quero uma colher de pau,
foi Serafina falando.

Manuel meio que estouvando
pensando se viu ou não viu
ao invés de colher de pau
juntou aos ingredientes
meio quilo de bacalhau.
Serafina se despediu.
Pegou o embrulho e saiu.
Nem suspeitou de um engano.
No vilarejo
nada saía dos planos.

Algum tempo depois
fazendo caras e bocas
com pose de gente de bem
foi Dona Mercedes
adentrando no armazém.

Senhora fina, rica e chique
mas cheia de tric-tric.
Bom... nem muito cheia.
No vilarejo
nada era atulhado
repleto ou abarrotado.
E como seus antepassados
Dona Mercedes
tinha boa criadagem.
E não tinha o que fazer
além de inventar bobagem.
Então, criava mania
como seus ancestrais faziam.
Era píssica por limpeza.
A sua casa brilhava, tinia.
Uma beleza.

Empinando todo o corpo
e mais ainda o nariz
Dona Mercedes foi pedindo
com modos de imperatriz:
— Detergente, cera, álcool
desinfetante, óleo de peroba,
anil
sabão em pó, sabão em pedra
e bombril.

E pediu, empavonada
vários “sprays” do contra
nenhum a favor de nada.
“Spray” contra ferrugem
contra odor

contra pulga, traça e bolor.
E, finalmente, pediu
“spray” contra barata.
Ao que Manuel caraminholando
será que viu, que não viu
entendeu "O Democrata".
Sem despedidas
Dona Mercedes vai-se embora.
E já do lado de fora
a Manuel recomenda:
— Jarbas, meu motorista,
virá buscar a encomenda.

E assim, meditabundo
caraminholando, cogitabundo
será que vi ou não vi
Manuel passou o dia
a atender a freguesia.
E foram tantos seus feitos
que não dá pra contar todos.
Mas houve mais casos notáveis.
Esses, de contar
indispensáveis.

Foi o caso de Belinda
menina novinha ainda
e já em véspera de casamento
porque tinha no pensamento
que não se pode viver só.
Idéia que na sua família
passava de mãe pra filha
desde sua tatatatataravó.

Com quem também se aprendia
que a palavra alegria
e a palavra esperança
significavam matrimônio
aliança.

Belinda
com maneiras meiguinhas
o dengoso das noivinhas
e aquele olhar apaixonado
(bem... nem tanto assim...
no vilarejo
nada era ardente
ou arrebatado...)
fez seu pedido de sempre.
Todo mês era igual.
Uma peça pro enxoval.
— Manuel,
quero uma camisola florida!
Ao que Manuel cismarento
voando no pensamento
será que vi ou não vi?
compreendeu uma bola colorida.
Que colocou numa caixa
com um laço de fita amarela.
Belinda agradeceu
e correu pro seu chá-de-panela.

Outro fato interessante
deu-se com Ataíde
da família Amaral.
Como seus contemporâneos

e todos seus antepassados
era um intelectual.
Professor do vilarejo
lecionava português
latim, história e francês.
Um moço sisudo
mas não muito carrancudo
porque no vilarejo
ninguém era trombudo assim...
— Manuel, vê pra mim
um dicionário de latim.

Manuel meditando
vacilando
entre o vi e o não vi
entrega-lhe um pacote
com uma garrafa de gim.
Ataíde não repara.
Não é hábito conferir.
O pacote nem encara
pois tem pressa de sair.

Depois de Ataíde Amaral
houve o caso do Raimundo.
O que vivia num outro mundo.
Não. Nem tão noutro assim...
No vilarejo
ninguém era desvairado
extravagante ou alucinado.
Raimundo era um louco constante.
Só um pouco da realidade
distante.

Um louco conveniente.
Manso. Decente.
Dizia esquisitices meras.
Pequenas sandices, quimeras.
E nunca alterava a voz.
Falava baixinho
como seus pais e avós.

Raimundo, aos cochichos
como se estivesse com medo
olhando de rabicho
pede a Manuel em segredo:
— Eu quero um raio de sol.
E Manuel ruminando
será que vi ou não vi
entrega-lhe, prontamente,
um urinol.
Que Raimundo pegou espantado
com muito cuidado
e depressa se escafedeu.
Pela primeira vez atendiam
a um sussurrado pedido seu.

Manuel nem se dá conta
da situação que ele apronta.
Pensando se viu ou não viu
tão alheio, distraído
nem vê que o vilarejo
é inteiro sacudido.
Parece que não foi nada.
Simples casos de troca.
Ah, que coisa mais boboca...

Mas no pacato vilarejo
Manuel ficou na história
causou mudanças notórias
que só ele mesmo não viu...
Começou por Serafina
frente àquele bacalhau
gritou tanto, fez escândalo
acabou passando mal.

Pensou ir ao armazém
fazer troca do embrulho
mas ficou abatumada
depois do muito barulho.
E de tanto sapatear
perdeu as forças, coitada
a coragem de voltar.

Chorava preocupada:
— Vou trair a tradição.
O que fariam as outras inas
nessa mesma situação?

Mas como estava na hora
da freguesia ir chegando
Serafina foi pra cozinha
pro bacalhau se entregando.

Os bolinhos foram poucos.
Gosto bom. Hum... coisa de
louco.
Foi um tal de repetir
todo mundo que um provava

ia mais outro pedir.

E assim de boca em boca
os salgados de Serafina
foram logo consagrados
coisa boa, muito fina.

E então o que se viu
foi uma baita confusão:
dona-de-casa virando passista
barbeiro virando dentista
executivo virando artesão.
Imitando Serafina
que mudou de profissão.
Entre doces e salgados
salgados passou a fazer.
Esqueceu da tradição
optou pelo prazer.

Depois foi Dona Mercedes
pela troca afetada.
Viu o livro "O Democrata"
ficou brava, enfezada.
Mais que isso. Furibunda.
Criou tanta confusão...
Imagine a barafunda.

Esqueceu-se da elegância
e sua pose foi a pique.
Teve ataque, desmaio
esperneou e deu chilique.
Pra cozinha foi Dinalva

pro banheiro foi João
pra despensa foi Antônia
eram todos empregados
à procura da amônia.
E foi tanta agitação
que à noite teve insônia.

Então fazer o quê?
Limpeza ao anoitecer?
Abriu o livro e pôs-se a ler...

Quantas idéias! Novas questões!
Em cada página, um choque.
Havia mundo maior
que detergente em estoque!

E nunca mais parou de ler.
Teve sede de saber.
Organizou simpósios
debates, congressos.
Dona Mercedes se expressando
era mais que um sucesso.

E então o que se viu
foi um imenso blábláblá.
Dona Mercedes
espalhou sua cultura
matérias lançou em fartura
política, economia
esporte, dança, magia
ioga e filosofia
e foi um tal de conversar.

Os assuntos eram tantos
nem dava pra boca fechar...

Belinda
no dia seguinte
arrumava sua bagagem
pois após o casamento
seguiria em viagem
estreando sobrenome
vestido, sapato e anel.
Iria em lua-de-mel.

Abriu então a caixa
soltando o laço de fita.
De dentro pulou uma bola
colorida, leve, bonita.

Belinda, em espanto
segue a bola com o olhar.
Toca nela com o polegar.
Quica e rola então a bola.
Belinda vai devagar.
Toca nela outra vez.
A bola salta com rapidez.
Belinda corre
e alcança a bola no ar.
Longe do pensamento
vai ficando o casamento
só pensando em brincar.
Passava da hora marcada
o noivo já estava a esperar
enquanto Belinda jogava

e nem ao menos ouvia
os gritos do pai, da mãe e da
tia:
— Anda, ó a hora, Belinda!
Só sabia que eram lindas
as cores se misturando
daquela bola pulando
e ela, menina, brincando...

E então o que se viu
foi um renovar de esperanças.
Indo atrás de Belinda
moços, velhos e crianças
viam que a beleza
do presente e futuro
era ser uma caixa de surpresa...

Ataíde Amaral
ia pra escola pensando:
como podem os alunos
acharem inútil o latim?
Tanto esforço, tanto estudo
pra duvidarem assim...
Quem sabe palavras novas
encantasse a gurizada?
Talvez uma palavra engraçada...
Mas será que em latim tem?

Resolveu fazer consulta
procurar vocabulário.
Ver seus alunos dormindo
fazia sentir-se um otário.

E não deu outra.
Recorreu ao dicionário.
Foi então que deu mil urros:
— Isso não é o pai-dos-
-burros!!!
Gritou tanto, tanto, tanto
que sua boca secou.
Abriu a garrafa de gim.
Deu um gole, não molhou.
Deu um outro, melhorou.

Mais outro, mais outro, mais
outro
aí sim, aliviou...

Chegou na escola cantando.
No início muito mal.
Mas que platéia assanhada!
Dava força a meninada:
— Que lição genial!
— Legal!
Aos poucos foi musicando
criando letras, inventando.
Tão grande sabedoria
a favor da poesia
em tão lindas canções.
Ah, Ataíde atingiu corações...

E então o que se viu
no compasso de Ataíde
foi que as noites tinham vida.
Podiam ser bem divertidas.

Ao som do “rock”, do samba, do
“reggae”
do frevo e lambada
uma gente animada
cantando, dançando
até de madrugada...

No Raimundo
que coisa estranha
foi o efeito da troca.
Pulava mais que pipoca
pra compreender o urinol:
— Meu Deus, que objeto
esquisito!
Não é uma vaca nem é pirulito.
Um urubu ou um saxofone?
Ora, se eu nada escuto
não é gramofone.
Não é avião.
Será bicho-papão?
Ou será bicho-preguiça?
Nem é verruga, ET ou lingüiça.
Engraçado... Não é líquido.
Não é amarelo. Não é gasoso.
Material forte. Poderoso.
E tem alça. Será perigoso?
Mas é tão silencioso...
Tem um toque gelado.
E que branco mais leitoso!
Essa não, que gozado...
Não tem luz nem é caloroso.
Então não é raio de sol!

E tanto esforço fez com a mente
que concluiu: — É urinol!

Adorou raciocinar.
Gostou tanto, tanto, tanto
que quis tudo clarear.
E começou com a pergunta:
— Como obter as respostas
se as coisas não questionar?

E então o que se viu
pelo prisma de Raimundo
foi nova visão do mundo
mais ampla, bem maior.
Idéias, pra se aceitar
só depois de perguntar:
— Onde?
— Como?
— Por quê?
— Quando?
— Ora, pra quê?

Foi isso o que se viu
no pacato vilarejo.
Aliás, pacato, não.
Vilarejo, também não.
O que era vilarejo
é uma cidade bem grande
com imensas avenidas
ruas largas e estreitas
vai-em-frente e contra-mão

indústria, fumaça, edifício
carro, ônibus e caminhão.
É cidade com governo
tem prefeito, vereador
e em família de engenheiros
pode surgir um ator.
E cada um tem o direito
de escolher seu amor...

E como em todo lugar
tem também uma praça.
Florida, cuidada
uma graça
que chamaram de Manuel.
Mas o herói da cidade
não toma conhecimento
não teve a felicidade
de ver o acontecimento.
Anda meio alucinado.
Ou melhor, bem desvairado
popular ruim da bola.
Até hoje só rumina
matuta
caraminhola

vi ou não vi?...

Fita Verde no Cabelo

Nova Velha Estória

João Guimarães Rosa

Guimarães Rosa nasceu em Cordisburgo, Minas Gerais, em 1908, e faleceu no Rio de Janeiro em 1967. Foi diplomata e escritor, sendo eleito para a Academia Brasileira de Letras em 1963. A publicação de seu primeiro livro de contos, “Sagarana”, em 1946, garantiu-lhe lugar de destaque na literatura brasileira, pela linguagem inovadora, pela singular estrutura narrativa e riqueza simbólica de suas histórias. “Fita verde no cabelo” é exemplo dessas qualidades e, por isso, é Altamente Recomendável pela FNLIJ.

Havia uma aldeia em algum lugar, nem maior nem menor, com velhos e velhas que velhavam, homens e mulheres que esperavam, e meninos e meninas que nasciam e cresciam.

Todos com juízo, suficientemente, menos uma meninazinha, a que por enquanto. Aquela, um dia, saiu de lá, com uma fita verde inventada no cabelo.

Sua mãe mandara-a, com um cesto e um pote, à avó, que a amava, a uma outra e quase igualzinha aldeia.

Fita-Verde partiu, sobre logo, ela a linda, tudo era uma vez. O pote continha um doce em calda, e o cesto estava vazio, que para buscar framboesas.

Daí, que, indo, no atravessar o bosque, viu só os lenhadores, que por lá lenhavam; mas o lobo nenhum, desconhecido nem peludo. Pois os lenhadores tinham exterminado o lobo.

Então, ela, mesma, era quem se dizia:

— Vou à vovó, com cesto e pote, e a fita verde no cabelo, o tanto que a mamãe me mandou.

A aldeia e a casa esperando-a acolá, depois daquele moinho, que a gente pensa que vê, e das horas, que a gente não vê que não são.

E ela mesma resolveu escolher tomar este caminho de cá, louco e longo, e não o outro, encurtoso. Saiu, atrás de suas asas ligeiras, sua sombra também vindo-lhe correndo, em pós.

Divertia-se com ver as avelãs do chão não voarem, com inalcançar essas borboletas nunca em buquê nem em botão, e com ignorar se cada uma em seu lugar as plebeinhas flores, princesinhas e incomuns, quando a gente tanto por elas passa.

Vinha sobejadamente.

Demorou, para dar com a avó em casa, que assim lhe respondeu, quando ela, toque, toque, bateu:

— Quem é?

— Sou eu... — e Fita-Verde descansou a voz. — Sou sua linda netinha, com cesto e pote, com a fita verde no cabelo, que a mamãe me mandou.

Vai, a avó, difícil, disse: — Puxa o ferrolho de pau da porta, entra e abre. Deus te abençoe.

Fita-Verde assim fez, e entrou e olhou.

A avó estava na cama, rebuçada e só. Devia, para falar agagado e fraco e rouco, assim, de ter apanhado um ruim defluxo. Dizendo:

— Depõe o pote e o cesto na arca, e vem para perto de mim, enquanto é tempo.

Mas agora Fita-Verde se espantava, além de entristecer-se de ver que perdera em caminho sua grande fita verde no cabelo atada; e estava suada, com enorme fome de almoço. Ela perguntou:

— Vovozinha, que braços tão magros, os seus, e que mãos tão trementes!

— É porque não vou poder nunca mais te abraçar, minha neta... — a avó murmurou.

— Vovozinha, mas que lábios, ai, tão arroxeados!

— É porque não vou nunca mais poder te beijar, minha neta... — a avó suspirou.

— Vovozinha, e que olhos tão fundos e parados, nesse rosto encovado, pálido?

— É porque já não te estou vendo, nunca mais, minha netinha... — a avó ainda gemeu.

Fita-Verde mais se assustou, como se fosse ter juízo pela primeira vez. Gritou: — Vovozinha, eu tenho medo do Lobo!...

Mas a avó não estava mais lá, sendo que demasiado ausente, a não ser

pelo frio, triste e tão repentino corpo.

Chifre em Cabeça de Cavalo

Luiz Raul Machado

Luiz Raul Machado nasceu no Rio de Janeiro em 1946. Escritor, especialista em literatura infantil e redator, tem diversos trabalhos publicados em jornais, revistas e livros. Fez parte da equipe que criou o projeto Ciranda de Livros, entre outros. Tem várias obras infantis premiadas. Este “Chifre em Cabeça de Cavalo” recebeu o prêmio Orígenes Lessa — O melhor para o jovem —, da FNLIJ, em 1995, ano de seu lançamento.

"A primeira pessoa"

A primeira pessoa que me falou deles foi meu tio. Todo mundo chamava ele de Pequenino. Não era particularmente baixinho, mas sempre foi e será Pequenino. Meu tio Pequenino.

Ele contava histórias e contava casos. Casos e histórias de sua longa vida de serviço e trabalho. Médico recém-formado indo tratar de crianças em lugares tão distantes que levava horas no lombo de um cavalo. Histórias e casos da imaginação dele e dos outros. Até hoje me pergunto quem será que contou pra ele tão bem contada a história da Moura Torta. Ele contava sempre do mesmo jeito. Mesmo porque nós protestávamos veementemente quando ele mudava uma vírgula que fosse. (Como é que é vírgula em história contada?) Eu e meu irmão sempre achamos que a história do Esqueleto Risonho foi inventada por ele. Era uma história que enchia a gente de medo e suspense. Claro, era a preferida.

Mas o que importa aqui é que foi o tio Pequenino quem primeiro me falou deles. E — sabe-se lá por que — foi por causa deles que eu nunca mais me preocupei em separar história acontecida de história inventada. Tô careca de saber

que tem uma realidade lá fora etcétera e tal. Mas eu sei muito bem que tem a realidade aqui de dentro. E eu adoro ela. E ai de quem chegar perto de mim depois de ouvir uma das minhas batatadas e falar, batendo de leve na minha cabeça: "Eu sei, guri, essa história é de mentirinha, não é?" Mentirinha é a mãe.

"Aquela menina"

Bom. Resumo da ópera em português: tio Pequenino me falou deles e eles passaram a fazer parte da minha vida.

É bem verdade que fiquei um bom tempo longe deles. Quer dizer, fiquei sem pensar neles, me interessando por outras coisas, outros lugares, outros bichos, outras gentes. Mas hoje tenho a certeza de que eles sempre pensaram em mim.

Durante esse tempo, volta e meia me aparecia um. No meio de um conto, no rabo de um desenho animado, numa ilustração linda de livrão estrangeiro e inacessível que eu fuçava na livraria da

Celina. Raramente alguém me falava deles. Até que apareceu aquela menina.

"Estranho jeito"

Estranho o jeito que a gente se conheceu. Tínhamos que fazer um trabalho de matemática e resolvemos fazer juntos. Eu gastei os dois primeiros encontros me exibindo, como sempre. Contei casos já testados com outras platéias. O efeito era garantido. E tudo ia bem, até ela me fazer a primeira pergunta esquisita. Ela também faz afirmações esquisitas, negações esquisitas e, principalmente, tem uns silêncios esquisitos. É quando ela me olha de banda e ao mesmo tempo firme nos olhos. Um olhar esquisitíssimo.

Nunca vou saber como o dever de matemática se evaporou pra dar lugar a uma inflamada e interminável discussão sobre bichos.

Eu fazia meus números acerca da minha intimidade com orangotangos e felinos, cobras e lagartos. Mas ela não parecia se impressionar muito, não. Ela simplesmente me dizia que não tinha medo nenhum de barata.

— Mas bicho que não suporto é galinha — me disse depois de um silêncio esquisito.

— Nem pra comer?

— Comer eu como. Com o maior prazer. Meu problema é com a galinha viva.

— ?

— Não existe animal mais desimportante, improvável, burro e absurdo.

— !

"Quatro adjetivos"

Diante desses quatro adjetivos, não me restou outra alternativa senão partir pra defesa das galinhas como se fosse uma questão de honra.

— Desimportante é o mosquito. Improvável é a girafa. Tá certo, a galinha às vezes é um pouco burra. Mas mais burro é o peru, já que o burro é inteligentíssimo. Absurdo? Absurdo é o ornitorrinco, a começar pelo nome. As galinhas...

— Siiiim... — ela disse prolongando o “i” de um jeito esquisito.

Aí eu explodi:

— Pô, não tenho procuração pra ficar aqui defendendo as galinhas. Elas não são a minha espécie de bicho.

— E qual é a sua espécie de bicho, menino?

Eu implicava com aquela mania dela de me chamar de menino.

— Unicórnios, é claro.

Ela ficou gaga, parada, quieta. Pasma, pra usar um quarto adjetivo.

"Especialista"

E, depois de uma longa e minuciosa conversa em voz baixa, foi a minha vez de ficar pasmo e quieto e parado e gago. Eu estava convivendo desde o princípio das aulas com uma das maiores especialistas no ramo e só ali, no nosso terceiro ou quarto encontro, me dei conta disso. Nossas vidas mudaram depois desta conversa.

Está claro que a matemática foi pro brejo. A gente foi andar na beira do mar.

Até saírem as primeiras estrelas. Na hora mágica, ficou selado um acordo tácito de trocarmos informações. Poucas. Em voz baixa. Em lugares especiais. Só entre nós.

"Pequenos toques"

O pior é que nem juntar esforços a gente podia. Era ela trabalhando no canto dela e eu no meu. Só pequenos toques aqui e ali. A gente até conseguiu voltar aos nossos deveres matemáticos. Com bons resultados, por sinal.

Depois de um tempo, pintou até um certo ciúme. Mas a gente logo venceu essa fase. A própria natureza do assunto pede humildade, respeito profundo, seriedade — junto com o mais puro humor, é claro — e... cada um por si. É assim que eles gostam.

"Óbvio"

Um dia, a gente viajou junto pra fazer uma pesquisa de ciências. Fomos pra serra passar um dia inteiro. Levamos uma garrafa de vinho e pouca comida. Perto da hora mágica, eu comecei a falar bobagens. Ela me olhou esquisito e firme. Eu disse:

— Não olha pro lado esquerdo.

— ?

— Tá assim de unicórnio. Azuis... Você acredita?

— Menino, eu sou a pessoa menos indicada pra você fazer essa pergunta.

Óbvio.

"Pequenas aparições"

Sobre o trabalho dela, é ela quem vai contar um dia. O pouco que sei não devo falar. Quanto a mim, eu conto. Não tudo, porque esse negócio de tudo é cascata. Posso contar pequenas aparições, poucos acontecimentos, umas pesquisas, muitas dúvidas e algumas conclusões.

Eles me visitam principalmente no escritório de papai.

Em geral, quando não tem ninguém em casa ou quando tá todo mundo

dormindo. É raro aparecerem de manhã. De tardinha sim, mas muito rapidamente. De noite não, exceto na hora mágica, bem depressinha. Mas de madrugada, ah! É só ter uma boa insônia, ir pé ante pé até o escritório, acender a luz do abajur pequeno e esperar.

Eles gostam de brincar em cima da mesa. Tem um mata-borrão antigo (herança do tio Pequenino) que é uma festa prum bem miúdo cor de canela. Ele consegue ficar horas se balançando naquilo.

Tem um avermelhado que gosta do armário grande. Se enfia lá dentro, e a gente até se esquece dele. Tem um maiorzinho, azul-claro, que se refestela na cadeira de balanço forrada de couro e fica lá, paradão. Paradão ele, porque a cadeira fica pra lá e pra cá, pra lá e pra cá, pra lá e pra cá.

Tem um, roxo, que gosta de olhar pela janela. De madrugada, a minha rua tem um movimento interessante — um ônibus de hora em hora, um motoqueiro solitário, o doido da esquina que faz comícios pra ele mesmo e pro lampião às três da manhã. E aquele que gosta de olhar pela janela fica um tempão lá, com o focinho e o chifre encostados na vidraça, vendo e revendo aquilo tudo, conferindo.

"O da estante"

E tem o da estante. Ele tem uma maneira gozada de transar a biblioteca. Às vezes anda na beiradinha das prateleiras e entorta o pescoço pra ler a lombada dos livros. É muito demorada essa operação. Meu “Dom Quixote” velhinho e grandão (outra herança do tio Pequenino) está com quatro furos na lombada. Minha avó outro dia pensou que fosse traça. Revirou mundos e fundos atrás de um remédio pra traça. Bobagem. Foi o diabo do chifrinho daquele sem-vergonha metido a literato. Ele gosta de ler a lombada do “Dom Quixote” que só vendo! Fica horas no Q e no X. É claro que ele é verde.

Outras vezes ele passeia calmamente por cima dos livros, prestando muita atenção nas mudanças de tamanho pra não tropeçar. Uma vez se descuidou, não viu o Aurelião em posição irregular e foi bater com o focinho no fundo da estante. O barulho não foi grande, mas o relincho de dor e susto me tirou da poltrona onde eu estava vendo o carrossel do canelinha no mata-borrão. Fui lá na estante, achei o

diabrete, dei uma espanada nele com a mão pra tirar o pó, tava até meio preocupado em saber se ele tinha se machucado. Mas não é que o danado tava com cara de quem viu periquito verde?

Fui fuçar no fundo da estante e descobri um livro absolutamente incrível. Não consegui descobrir de onde é que ele veio, mas tenho sérias desconfianças...

"O livro"

É um livro pequeno, muito velho, com a capa cheia de furinhos (de traça, mesmo). Uma capa verde-escuro com um relevo em verde mais claro.

Lá está ele: empinado, com a crina voando, o chifre retorcido espetando o ar.

O livro é escrito numa língua que não conheço, cheia de letras desenhadas, lindas de morrer. Vou buscar ele lá na estante pra copiar o título.

“Allgemeine Abhandlung über Eínhorner”

O que tem de mais fantástico neste livro são as ilustrações. Mesmo porque o que tá escrito eu só vou saber mais tarde. E olha que só tem mesmo duas ilustrações: a da capa, que eu já falei, e uma antes do índice, na página 4. Ali ele está no meio de outros bichos: tem grifo, tem cavalo mesmo, tem veado, tem coelho, tem passarinho de tudo quanto é jeito e cor, tem dinossauro, tem tartaruga. Tem um riachinho e tem gente também. Gnomos, fadas, anões, fantasmas, duendes, uma bruxa e um menino.

"Cabeceira"

Este livro ficou sendo o nosso livro. Meu e do verdinho literato. A gente fica horas folheando ele e voltando sempre pra ilustração da página 4. Um dia eu acho que vou mostrar pra menina e — quem sabe? — a gente possa decifrar junto. Ela é danada de boa em línguas. Sabe inglês e francês na perfeição. Outro dia me surpreendeu falando que tava muito a fim de aprender latim.

Será que esse livro é em latim?

Esse livro ficou sendo meu terceiro livro de cabeceira.

Ao lado da minha cama tem uma mesinha de madeira clara com duas gavetas. Ninguém — mas ninguém mesmo — desta casa está autorizado a abrir nenhuma delas. Também, se abrir, não vai encontrar nada demais, aparentemente. Na de cima tem: um cristal japonês, uma caixinha de berloques (minha avó me deu e chama ela assim: eu chamo de porta-treco) cheia de trecos e berloques de menino. Lápis já bem pequenos, um deles com borracha em cima, apontador enferrujado mas de estimação (tio Pequenino que deu), vários pedaços de barbante de vários tamanhos e cores, tubo de cola pequeno, percevejos, clipes, tachinhas e pregos de “n” tamanhos, uma carrapeta de madeira, um ioiô também de madeira e 17 bolas de gude do tempo do meu pai. Ah! na gaveta de cima tem ainda as revistas em quadrinhos. As que merecem ser relidas.

Na gaveta de baixo, os dois livros de cabeceira mais antigos e queridos: “Memórias da Emília”, que eu ganhei da Dindinha e onde colori com cuidado as ilustrações em preto-e-branco de André LeBlanc, e “O homem que calculava”, que meu tio general me deu, com um autógrafo do próprio Malba Tahan.

Agora, na gaveta de baixo também tem o livro verde furadinho escrito numa língua desconhecida, que é o mais antigo de todos mas é meu amigo mais recente.

"Coincidência?"

O mais incrível aconteceu depois. Minha irmã recebeu um cartão-postal de um amigo dela que tá viajando. Quando vi, fui imediatamente buscar o livrinho e examinar a ilustração da página 4. Fui até catar a lente do velho, que ele morre de ciúme de emprestar. Daquelas de botar em cima do papel e ficar vendo detalhe da le tra, grão de fotografia, pontinhos coloridos que formam as gravuras.

Não tinha erro: o desenho do cartão-postal reproduzia um detalhe da ilustração do livro que reproduzia uma tapeçaria medieval.

Não há dúvida de que eles querem que eu continue a estudar o assunto. Ando desconfiado de que coincidências não existem.

Fui procurar a menina logo de manhã cedo.

"Pesquisa"

Fomos juntos passar a manhã na Biblioteca Nacional.

A moça que nos atendeu olhou meio esquisito praqueles dois que perguntavam o que tinha lá sobre unicórnios. Mas com boa vontade encaminhou a gente pro arquivo.

Depois de algum tempo examinando fichas, estávamos mergulhados em livros incríveis, fuçando desenhos mais incríveis ainda. Eu até achei uma menção ao “meu” livro na língua estranha.

"Rosa-chá pra enjôo"

Depois dessa ida à Biblioteca, ficamos um tempão, cada um pro seu lado, tratando de pesquisar por conta própria. Eu descobri, por exemplo, uma apostila de um curso que um primo meu fez em São

Paulo com um tal de Samir. Olha só o que tem lá, num capítulo que se chama — óbvio — "O unicórnio": "Animal herbívoro, ele se alimenta basicamente de capim-manteiga, alface, erva-doce e cenoura. Dentre as frutas, gosta de pêssego, que conheceu na Pérsia, de manga e de caju. Quando está com enjôo ou indigestão, mastiga pétalas de rosa."

Isso eu pude comprovar experimentalmente — como diz meu professor de química — quando o do mata-borrão passou mal uma madrugada dessas. Ele ficou enjoado de tanto balançar, e eu lembrei que na sala tinha umas rosas-chá que minha mãe ganhou do meu pai de aniversário. Fui lá, tirei umas pétalas e trouxe pro canelinha doente. Ele comeu três duma vez e ficou serelepe de novo. Bom quando a gente comprova teorias interessantes...

"Técnicas e canções"

A menina me disse outro dia que andava desenhando eles nas mais diversas técnicas: bico-de-pena, nanquim, aquarela, pastel, carvão, sei lá mais o quê. Pedi pra ela me mostrar, mas ela desconversou. Fiquei tão chateado que fiz uma coisa

horrível. Um dia, vi que ela foi pro recreio e deixou uma pasta junto da mochila. Eu sabia que naquela pasta ela guardava os desenhos. Abri e olhei, maravilhado. Eu tava tão embasbacado que não vi quando ela voltou e me pegou com a boca na botija.

Brigamos. Fiquei meio assim e, de vingança, não mostrei a ela a letra de uma música que minha irmã ouviu num “show”. A mana ficou tão impressionada que foi falar com a cantora. E ela — artista delicada — não só escreveu a letra como traduziu.

Olha só:

"Ontem perdi meu unicórnio azul
Deixei ele pastando e ele desapareceu
Pago bem a quem der qualquer informação
As flores que deixou não querem me dizer".

O que confirma a questão das cores e das flores. E olha que esse da canção é cubano.

A coincidência — existe isso? — incrível é que dois dias depois a menina me entregou na hora do recreio a letra de uma outra música (tempos depois eu ouvi na voz da mesma cantora aquela). Essa eu vou copiar inteirinha.

"Contam que os unicórnios cantam antes de dormir
E usam somente escalas do modo maior
E que se espantam se alguém vem ouvir
E esquecem tudo — inda não tá de cor...
Contam que a tal canção é genial
Tanto que os unicórnios jamais enjoam dela
E a entoam toda noite sem parar
Reunidos num fantástico coral
Como eu queria conhecer a tal canção
Pois ela deve ser mesmo uma loucura
Muito melhor que as de Vivaldi ou Debussy

Quem sabe eu não encontro a partitura
Perdida em algum sebo por aí?"

Essa canção mudou o rumo das minhas pesquisas. Na primeira madrugada que eles apareceram no escritório, eu fiquei quieto num canto, sem nem acender a luz, de ouvidos bem abertos (como se a gente pudesse fechar, como os olhos), tentando ouvir algum coral, alguma canção, qualquer nota. Nada. Ou o compositor usou a tal da licença poética que a professora de português tanto fala, ou os meus unicórnios são desafinados. Mas, por causa da canção, descobri duas coisas que mudaram a minha vida. Uma foi Vivaldi. Outra, o mundo dos sebos.

"Sebo"

Vivaldi, não dá pra descrever aqui. Você — se nunca ouviu — pode parar imediatamente de ler essas bobagens que eu escrevi, procurar um disco ou fita, ligar o som, fechar os olhos (abrindo bem os ouvidos) e depois me diz.

Sebo, dá pra falar. Você procura um. Geralmente uma portinha de loja no centro da cidade. Um lugar mais escuro do que devia e mais empoeirado do que precisava ser. Nada de atraente. Aparentemente. Você vai lá com tempo de fuçar pelas estantes e pelas pilhas de livros. Pode fazer como o meu amigo verdinho, o literato. Às vezes o que atrai é uma letra, uma capa, um título, a proximidade com um outro livro conhecido. Você vai lá e depois me conta.

Eu fui e encontrei uma coisa preciosa. Um volume azul escrito e desenhado por mãos de fada. E eu vou colocar aqui um trechinho só. Acho que é até pecado tirar um pedaço de uma coisa tão perfeita. Mas a fada certamente vai me perdoar. Presta atenção: "A princesa aproximou-se. Que animal era aquele de olhos tão mansos, retidos pela artimanha de suas tranças? Veludo do pêlo, lacre dos cascos, e desabrochando no meio da testa, espinho e marfim, o chifre único que apontava ao céu." Comprei o livro com o dinheiro que tinha pra lanchar e corri pra casa da menina.

"Esquisito e meio"

Ela me olhou meio esquisito e foi lá dentro buscar outros dois livros escritos pela fada aquela e mais um escrito por outra. (O título deste já me botou em polvorosa: “Praga de unicórnio”).

Fiquei decepcionadíssimo porque achava que eu ia contar uma grande novidade pra menina. Ela tentou consertar, mas a coisa ficou ainda pior. Eu queria abrir um buraco no chão e sumir. Depois houve uma coisa esquisitíssima. Eu e ela passamos a nos encontrar quase todo dia e a fazer mil programas juntos e nem eu nem ela falamos sobre o assunto um com o outro.

Acho que nesse tempo a gente era meio namorado.

Acho meio esquisito dizer que a gente era meio namorado.

Não sei explicar. O fato é que não era namoro como os que a gente tava habituado a ver na escola ou na turma da rua. Era... Deixa pra lá.

Acho que a vida é meio esquisita.

"Cabelo em ovo joelho em cobra"

Tão esquisita que um dia a gente meio que brigou.

Não me pergunte o motivo, nem como a coisa se desenrolou. Mesmo porque a coisa se enrolou de vez.

Eu não consigo lembrar do porquê, do como, de nada. Só lembro do clima e do volume da briga. E dela me dizendo, aos gritos, querendo ofender:

— Você adora procurar chifre em cabeça de cavalo!

E eu, morrendo de vontade de rir, fiquei com vontade de responder: "Mas não é isso que a gente vem fazendo há tanto tempo?"

Mas achei melhor ficar quieto. Quando cheguei em casa, corri prum dicionário de gíria que meu pai tem e vi que tinha outras expressões também engraçadas pra dizer a mesma coisa: procurar cabelo em ovo, joelho em cobra e assim por diante.

"Lutas"

Pra tentar consertar o estrago da briga, ela me contouuma coisa incrível. Eu

já falei que as pesquisas dela sobre o nosso assunto é ela que vai contar um dia, se quiser. Mas um encontro que ela teve ela disse que eu podia contar.

A fada que escreveu o “Praga de unicórnio” é muito prática: inventou de ter uma livraria. E lá foi a menina conhecer ela e conversar com ela. A conversa delas durou um tempão e parece ter sido o início de uma bela amizade.

Resumo da ópera: ela emprestou pra minha amiga uma cópia dos originais de um livro que ela vai publicar. Fiquei pasmo: o livro ainda não tem título, mas um dos possíveis é “O dinossauro e o unicórnio”. Deus me livre de adiantar alguma coisa (não quero nem pensar na hipótese de ser processado por uma fada). Mas tô com uma vontade louca de transcrever aqui um trechinho só do livro dela.

"O unicórnio era muito valente e lutador. Geralmente lutava com os cascos, só usava o chifre em situações muito graves, quando já estava sangrando. E os cascos, muito ágeis e cortantes, mais parecidos com os de veado ou antílope, eram armas poderosas. De vez em quando, sabia-se de casos de lutas entre leões e unicórnios. Dizem que, geralmente, na primavera, o unicórnio ganhava, mas no verão o leão era o vencedor."

"Colibris"

Quanto à nossa luta particular — minha e da menina — o último (último?) capítulo foi esquisitíssimo. Me lembro, por exemplo, do silêncio que pesou pra burro na volta do passeio que a gente deu domingo passado. Essa volta da Floresta da Tijuca durou um século. Quando a gente tava quase saindo na estrada que ia dar no ponto final do ônibus que a gente tinha que pegar, ela virou pra mim e disse:

— Não olha pro lado esquerdo.

— ?

— Tá assim de unicórnio. Você já sabia que tem uns que são alados?

— ?

— Tão voando em volta daquelas flores vermelhas.

Me deu uma vontade danada de não olhar. Mas a cabeça não obedeceu à vontade e virou pro lado esquerdo.

Olhei pras flores (eram hibiscos), olhei pra menina, olhei pras flores de novo,

olhei pra ela de novo.

E falei a maior besteira de toda a minha vida.

— Mas são três colibris. Lindos, por sinal.

"E agora?"

— Colibri é a mãe.

Eu nunca vi a menina tão furiosa. Depois, sozinho, me lembrei que um dia, numa das nossas intermináveis conversas sobre bichos, ela me disse que achava um absurdo completo alguém chamar de colibri um passarinho que tem o nome mais lindo que uma língua pode inventar. E sendo ele a coisa mais linda que Deus inventou.

O fato é que essa história nos afastou de vez. (Pelo menos até o momento em que escrevo essas mal-traçadas linhas no meu fichário, enquanto rola uma das aulas mais chatas que um pobre ser humano já teve a desventura de tentar assistir).

Não sei se o meu caso tem esperança. Não sei o que tá havendo comigo. Só sei que tenho ficado madrugadas a fio acordado, sentado no escuro no escritório de papai, esperando, esperando, esperando. Acho até que se eu fumasse — coisa que detesto — eu ficaria fumando.

Fico pensando que eles devem estar do lado dela e resolveram me castigar. Me culpo dizendo pra mim mesmo: "Quem chama beija-flor de colibri é capaz das piores coisas." Ou: "Eles sumiram porque eu queria que eles cantassem." Ou ainda: "Acho que adolesci. Ou adoeci. Ou fiquei adulto. Chato como todos os adultos. E essa minha espécie de bicho tolera tudo, menos chatice."

É madrugada. Ponho um ponto final nessas anotações. Quando amanhecer, vou ligar o som e ouvir Vivaldi. Depois do café, talvez até eu desça pra comprar cigarro.

Livros e Canções Citadas:

1. “Memórias da Emília” — Monteiro Lobato

2. “Dom Quixote de La Mancha” — Miguel de Cervantes Saavedra

3. “O homem que calculava” — Malba Tahan

4. “Novo Dicionário da Língua Portuguesa” — Aurélio Buarque de Holanda Ferreira

5. “Os incríveis seres fantásticos” — Samir Meserani

6. “Uma idéia toda azul” — Marina Colasanti

7. “Praga de unicórnio” — Ana Maria Machado

8. “Uma vontade louca” — Ana Maria Machado

9. “Unicórnio” — Silvio Rodríguez (do disco "Daqui", de Clara Sandroni)

10. “Canção dos unicórnios” — Carlos Sandroni (idem)

Um Apólogo

Machado de Assis

Machado de Assis nasceu no Rio de Janeiro, em 1839, falecendo na mesma cidade, em 1908. Romancista, contista, poeta, cronista e dramaturgo, é unanimemente considerado a maior figura das letras brasileiras. É autor de alguns dos maiores clássicos do nosso romance e da nossa contística. Fundou a Academia Brasileira de Letras, em 1897, e presidiu-a até sua morte.

Era uma vez uma agulha, que disse a um novelo de linha:

— Por que está você com esse ar, toda cheia de si, toda enrolada, para fingir que vale alguma cousa neste mundo?

— Deixe-me, senhora.

— Que a deixe? Que a deixe, por quê? Porque lhe digo que está com um ar insuportável? Repito que sim, e falarei sempre que me der na cabeça.

— Que cabeça, senhora? A senhora não é alfinete, é agulha. Agulha não tem cabeça. Que lhe importa o meu ar? Cada qual tem o ar que Deus lhe deu. Importe-se com a sua vida e deixe a dos outros.

— Mas você é orgulhosa.

— Decerto que sou.

— Mas por quê?

— É boa! Porque coso. Então os vestidos e enfeites de nossa ama, quem é que os cose, senão eu?

— Você? Esta agora é melhor. Você é que os cose? Você ignora que quem os cose sou eu, e muito eu?

— Você fura o pano, nada mais; eu é que coso, prendo um pedaço ao outro, dou feição aos babados...

— Sim, mas que vale isso? Eu é que furo o pano, vou adiante, puxando por

você, que vem atrás, obedecendo ao que eu faço e mando...

— Também os batedores vão adiante do imperador.

— Você, imperador?

— Não digo isso. Mas a verdade é que você faz um papel subalterno, indo adiante; vai só mostrando o caminho, vai fazendo o trabalho obscuro e ínfimo. Eu é que prendo, ligo, ajunto...

Estavam nisto, quando a costureira chegou à casa da baronesa. Não sei se disse que isto se passava em casa de uma baronesa, que tinha a modista ao pé de si, para não andar atrás dela. Chegou a costureira, pegou do pano, pegou da agulha, pegou da linha, enfiou a linha na agulha, e entrou a coser. Uma e outra iam andando orgulhosas, pelo pano adiante, que era a melhor das sedas, entre os dedos da costureira, ágeis como os galgos de Diana — para dar a isto uma cor poética. E dizia a agulha:

— Então, senhora linha, ainda teima no que dizia há pouco? Não repara que esta distinta costureira só se importa comigo; eu é que vou aqui entre os dedos dela, unidinha a eles, furando abaixo e acima...

A linha não respondia nada; ia andando. Buraco aberto pela agulha era logo enchido por ela, silenciosa e altiva, como quem sabe o que faz, e não está para ouvir palavras loucas. A agulha, vendo que ela não lhe dava resposta, calou-se também, e foi andando. E era tudo silêncio na saleta de costura; não se ouvia mais que o plic-plic-plic-plic da agulha no pano. Caindo o sol, a costureira dobrou a costura, para o dia seguinte; continuou ainda nesse e no outro, até que no quarto acabou a obra, e ficou esperando o baile.

Veio a noite do baile, e a baronesa vestiu-se. A costureira, que a ajudou a vestir-se, levava a agulha espetada no corpinho, para dar algum ponto necessário. E enquanto compunha o vestido da bela dama, e puxava a um lado ou outro, arregaçava daqui ou dali, alisando, abotoando, acolchetando, a linha, para mofar da agulha, perguntou-lhe:

— Ora, agora, diga-me, quem é que vai ao baile, no corpo da baronesa, fazendo parte do vestido e da elegância? Quem é que vai dançar com ministros e diplomatas, enquanto você volta para a caixinha da costureira, antes de ir para o balaio das mucamas? Vamos, diga lá.

Parece que a agulha não disse nada; mas um alfinete, de cabeça grande e não menor experiência, murmurou à pobre agulha:

— Anda, aprende, tola. Cansas-te em abrir caminho para ela, e ela é que vai gozar da vida, enquanto aí ficas na caixinha de costura. Faze como eu, que não abro caminho para ninguém. Onde me espetam, fico.

Contei esta história a um professor de melancolia, que me disse, abanando a cabeça:

— Também eu tenho servido de agulha a muita linha ordinária!

Zoiúdo (o monstrinho que bebia colírio)

Sylvia Orthof

Sylvia Orthof nasceu no Rio de Janeiro, em 1932, de pais austríacos. Muito jovem ingressou no Teatro do Estudante, freqüentando mais tarde o curso de mímica de Marcel Marceau, na Escola de Arte Dramática de Paris. Escreveu peças para teatro de bonecos e depois para teatro infantil, onde seus trabalhos ganharam concursos e prêmios. Começou a criar histórias para a revista Recreio e não parou mais. Publicou muitos livros e ganhou muitos prêmios, a maioria ilustrada por seu marido Tato, mas alguns por ela própria. Sylvia faleceu em 1997, em Petrópolis (RJ), onde morava nos últimos anos de vida.

"O monstrinho encantador"

Esta história aconteceu e acontece aqui.

Aqui, é Petrópolis, uma cidade serranamente linda, onde moro. Aqui, também, é minha-nossa-vossa casa. Fica num morro, com jardinzinho, pomarzinho e hortinha. Por favorzinho, não pense que sou dessas escritoras que escrevem tudo em inho! Nunca de nuncão de nunquinha! O problema é que nossa casa é modesta,

porém sincera.

Ela é sincera, de portas sempre abertas para as visitas amigas.

Aqui, comigo e com Tato, ilustrador deste livro e marido da abaixo assinada (eu, ora!) mora Zoiúdo... e depois, quem mais chegou, ou veio, ou chegará. Porque a vida é cheia de mudanças. Até uma casa, que é chamada de' "imóvel" é cheia de transformações.

Pois eu estava no pomarzinho... por que "inho"? Porque ele tem cinco árvores de frutas, ora! Uma de ameixa, outra de tangerina, um pé de limão azedo, um pé de pitanga, um abacateiro... e é só.

Eu estava sentada ali, quando escutei uma voz, que vinha da ameixeira:

— Ei, Sylvia, você escreve uma história sobre mim? Escreve? Você escreve? Escreve? Creve? Creve? Creve? Ve? Ê?

A palavra ia diminuindo de extensão, mas aumentando de chateação. Quem seria?

Procurei no meio dos ramos e achei, ali, perto de umas três ameixas ainda verdes, um monstrinho fantástico, feito só de um par de olhos arregalados e sorridentes. Você já viu olhos sorridentes? Pois ele era assim, muito do encantador.

— O que é isso? — Perguntei, dando um pulo para trás.

— Isso? Eu não sou "isso", eu sou Zoiúdo.

— Você só tem olhos?

— Não tem gente que não enxerga, parece que não tem olhos?

— Tem — respondi.

— Pois eu sou olhos que não têm gente, ora bolas, caraminholas! Meu nome é Zoiúdo, muito prazer e faço questão de ser personagem de um livro para crianças-adolescentes-adultos.

— E o que é isso?

— São crianças, ora... e adolescentes, ora! E são também adultos, claro! Eu me amarro em gente criança-adolescente-adulta. É uma faixa de idade ideal para a minha história. E pode começar a escrever sobre mim. Vai ser um sucesso!

— Você não é nada humilde, Zoiúdo.

— Sou sincero. Afinal, sou olhos de ler, ora!

Zoiúdo, depois que me acostumei à sua presença, piscou um olho para mim e perguntou:

— Já que vou ser personagem de um livro seu, posso morar aí com vocês, posso? Eu ocupo pouco lugar, preciso morar dentro de casa, porque morar aqui, na ameixeira, é perigoso. Um tico-tico pode pensar que eu sou um par de ameixas e bicar meus olhos, credo!

— E como foi que você foi parar aí? — Indaguei.

Zoiúdo deu um pulinho e caiu no meu ombro, equilibrando-se com as pestanas. Aí ele falou baixinho:

— Eu sou um monstrinho, da família dos duendes encantadores. Minha mãe é fada, meu pai é um bruxo, muito conquistador de fadas. Aí, minha mãe, tadinha, não resistiu a uma poção mágica que ele ofereceu a ela, em formato de coração, com uma setinha atravessada. Depois de nove noites de lua e duas de neblina, eu nasci. Esse é o tempo de gestação dos duendes, sabia?

— E sua mãe, quando teve você, o que ela disse?

— Ela me achou encantador, porque nascipiscando sorrisos d'olhos. E fui morar com ela num palácio, que fica em Olhos d'Água. Meu pai bruxo ficou perdidamente apaixonado por mamãe. É uma história de felicidade total, até quando durar. E eu, depois que completei dezoito piscadelas, vim embora, viver na ameixeira. Mas agora, de repente, me deu vontade de morar com vocês... Você deixa? Deixa, deixa... ameixa... eixa... Deixa?

— E por que, depois de contar tão lindo conto de amor, você chamou sua mãe de "tadinha"?

— Chamei?

— Chamou.

— Deve ser porque ela é fada. As fadas são um pouco "tadinhas", só pensam nos outros, só fazem bondades. Ela é boazinha, "tadinha"... Não é assim que todo o mundo diz? Mas mamãe, apesar de boa demais pro gosto geral, é uma ótima mãe, uma fada dedicada. Um dia, trago ela aqui, pra você ter o prazer de conhecê-la.

— E seu pai?

— Meu pai já anda por aqui, todos os dias.

— Nunca vai.

— Quando você varre a casa, ele vem agarrado à vassoura dele. Vem invisível, mas a vassoura é dele.

— Eu comprei. É minha.

— Você comprou a vassoura “dele”. Mas como ele é um bruxo que não se amarra em ter as coisas, bruxo muito moderno, bacana, concordou. Adoro papai!

"Nosso novo amigo Zoiúdo
e quem mais vier"

Zoiúdo ficou morando conosco, olhando tudo, arregaladíssimo. Chegou a ditar novas ordens dentro de casa, como a colocação das flores nos vasos:

— Por que é que vocês cortam as flores, no jardim?

— Pra enfeitar a sala.

— Nós gostamos muito de flores, sabia? — Disse Tato.

Zoiúdo ficou com rugas nas pálpebras, pensando, pensando... Depois ele retrucou:

— Eu também adoro passarinhos, nem por isso corto as cabeças deles para enfeitar a sala. E por falar nisso, vamos ter mais uma pessoa morando conosco: é Furtacor, o colibri. Ele perdeu seu ninho numa ventania e convidei-o pra morar na “minha” casa.

Foi acabar de falar, fomos beijados por Furtacor, que batia as asas furta-cores, dava beijocas e se dizia, com isso, novo hóspede da “nossa” casa.

Assim, os vasos ficaram sem flores, o jardim ficou floridíssimo, e Furtacor enfeitava a sala de visitas, os quartos, cozinha e dependências outras da casa de Zoiúdo. É... afinal, Zoiúdo ditava as ordens, né? Às vezes, Zoiúdo é meio mandão. Teve até uma hora em que Tato se aborreceu e falou:

— Zoiúdo, quer fazer o favor de não falar na hora em que estou ouvindo Mozart?

— Se estou incomodando você, aqui, na minha casa... — Respondeu Zoiúdo.

— Na “nossa” casa, Zoiúdo, por favor! — Repliquei.

— Na “nossa” casa, mas no meu país. Ó Tato polaco, volte para a sua terra,

ouviu? — Berrou Zoiúdo, muito do mal-criado, porque ele era um monstrinho encantador e todas as pessoas encantadoras, às vezes, são nojentinhas, faz parte do encantamento da vida, ora!

Tato ficou indignado e foi buscar um papel, lá no arquivo dele. Voltou, xingando em polonês, mostrando um amarelecido documento, que trazia uma informação, carimbadíssima, e a assinatura da dita cuja certidão era uma assinaturíssima, pois tinha sido feita, PESSOALMENTERRIMAMENTE, pelo então Exmo. Presidente Doutor Getúlio Vargas (eta papel velho!) dizendo que ele (Tato) era brasileiro naturalizado.

Zoiúdo leu com a maior atenção e resolveu fazer uma proposta:

— Tá bem, o país é seu e meu, a casa é nossa, mas a boca é minha e falo quanto quero!

Zoiúdo nem reparou que não tinha boca. Passou um tempo, parece que Zoiúdo pensou no tal assunto de ter, ou não ter boca, e explicou:

— Eu sou igual à mula-sem-cabeça.

— Como assim? — Indaguei.

— Ora, a mula não tem cabeça, mas solta fogo pelas ventas, né? Eu não tenho boca, mas falo, ora!

Zoiúdo não comia carne, nem legumes. Em compensação, almoçava duas gotas de colírio e jantava a mesma coisa do almoço. No café matinal, Zoiúdo engolia uma gotinha de orvalho de rosa, que eu pingava nele pelo bico do Furtacor.

E a vida ficou assim: Tato, Furtacor, Zoiúdo, e eu, fora o cachorro Igor, de quem ainda não falei.

"Um cão-de-guarda"

Igor tem dois meses e meio e veio morar conosco por motivo de medo. Nós temos medo de assalto, moramos numa casa em Petrópolis, no alto de um mor-rinho, cercado de casas com muitos cachorrões.

Aí Tato disse, um certo dia:

— Precisamos de um cão-de-guarda.

Zoiúdo, que já convivia conosco há meio ano, deu os eternos palpites:

— Tem que ser da raça pastor alemão, que é uma raça simples e corajosa, fiel, e sabe latir grosso. Cachorro que late fino, não serve. Precisa também não fazer pipi no tapete, nem cocô, lógico. Porque eu, Zoiúdo, detesto ver minha casa suja.

Zoiúdo, na verdade, continuava a se sentir dono da casa, via tudo, espionava os cantos, dizia que poeira fazia lacrimejar seus olhos.

Tato andava rabugento:

— Será que este Zoiúdo tem que meter o nariz em tudo?

Mas Zoiúdo não tinha nariz, era uma injustiça acusá-lo disso, coitado. E afinal, já fazia parte da família.

Furtacor argumentou:

— Se vocês escolherem um cachorro, por favor, que seja um cão-de-guarda bem mansinho, porque eu sou um colibri e me assusto à toa.

Foi assim que, num certo dia, em frente à Estação Rodoviária de Petrópolis, entrei numa loja para comprar sementes de flores, acompanhada de Furtacor, que já andava meio enjoado de néctar de rosa.

Ali existe uma loja que se chama Verdura, ou algo assim. Entramos e vimos uma porção de pacotinhos de sementes, com fotos maravilhosas de flores. Furtacor enlouqueceu e começou a beijar todas, muito colibri-beija-flor, taradíssimo por fotos de violetas e girassóis.

Foi um vexame! Ainda bem que eu conseguira pegar Furtacor pela asa e colar um “band-aid” no bico assanhado do passarinho, enquanto o dono da loja reclamava, dizendo:

— A senhora precisa agora comprar todos os envelopes já beijados, porque esta loja é de respeito e eu não vendo material que não seja totalmente intocado. Estas sementes já são meio, como direi?

— Meio o quê? — Berrou Zoiúdo, pulando de dentro do bolso da minha blusa.

Mas foi só Zoiúdo pular e berrar, arregalando os olhos, e logo viu um pequeno papel, colado na loja, onde se lia:

Vendem-se Pastores Alemães,

Filhotes de Dois Meses,

Lindos. Telefone 425432876543.

— Esse telefone está com números demais! — Exclamou Zoiúdo.

Furtacor, debico colado, resmungou:

— Hum! Hum!

— E como é que eu vou telefonar para um número assim? — Perguntei.

— Ora, você começa com o 42 e depois escolhe algarismos, como se faz com a loteria, ou melhor, com a loto. Se acertar, a gente compra o filhote de pastor! — Exclamou Zoiúdo.

Copiei o número. Chegando em casa, fui experimentando misturar os algarismos, pulando alguns.

— Alô, é daí que estão vendendo filhotes de pastor alemão? — Perguntei.

— Aqui só vendemos a mãe dos filhotes! — Respondeu uma voz irritada.

— Sua mãe?

— A sua!

Não era ali. Então, experimentamos um novo número. Desta vez foi Furtacor quem escolheu, já de bico solto.

— Alô, é aí que estão vendendo filhotes de pastor?

— Aqui estamos comprando. A senhora vende?

— Eu quero comprar.

— Coincidência, eu também. A senhora sabe onde estão vendendo?

— Não sei, se soubesse, não telefonava pra senhora, né? Tchau!

Zoiúdo teve uma idéia:

— Que tal se a gente colocasse cada algarismo escrito num papelzinho dobrado? — Furtacor ia escolhendo, tal qual periquito, quando escolhe os papeizinhos da sorte, lembra? Antigamente, nos parques, havia realejos, com periquitos...

E assim foi feito. Furtacor sorteou os números, eu telefonei e... era ali!

Assim, Tato, eu, Zoiúdo, Furtacor e o nosso fusca chamado Petit-Pois fomos, cheios de agitação e esperança, escolher nosso cão-de-guarda.

E escolhemos Igor, que era uma gracinha: patas enormes, olhos doces, um focinho gelado.

— Cuidem dele com muito amor! — Recomendou a ex-dona.

E Igor veio para casa, fazendo pipi na cozinha, pipi no tapete da sala de jantar e cocô atrás da cortina da janela, além de roer, de imediato, a perna da cadeira do estúdio de desenho de Tato.

Que gracinha de cachorro! E tal como prometêramos, tratamos dele com todo o amor, levando-o ao Dr. Carlos, um veterinário que adora bichos, onde ele foi vacinado, pesado, meteram um termômetro no fiofó do coitadinho. Quem ajudou foi o Márcio, que é ajudante do Dr. Carlos. Igor detestou, uivou, chorou, recebeu um atestado.

Enquanto isso, Furtacor, nervoso, voava em volta do Dr. Carlos, muito nervoso. Quer dizer: Dr. Carlos estava calmo, pois estava acostumado com cachorro e beija-flores. Furtacor é que havia perdido a calma e soluçava:

— Depressa, gente! Socorro! Estou com falta de flor... a minha cabecinha está girando, preciso, urgente, de uma flor!

Márcio, o ajudante do Dr. Carlos, muito apressado, foi buscar um livro, onde havia a foto de uma escancarada margarida. Furtacor, num suspiro de felicidade, deu um beijo na foto e ficou mais calmo, dando uma beijoca na bochecha do Márcio, que ficou encabuladíssimo: nunca recebera um beijo de um beija-flor! Mas era coisa de muita ternura, um momento totalmente colibri.

Quando Igor, o pastorzinho alemãozinho recebeu o atestado, Zoiúdo resolveu sair do bolso do casaco de Tato e gritou, frenético:

— Vamos todos comemorar!

— Comemorar o quê? — Indagou Tato.

— Comemorar o atestado de vacinação do Guigui.

— Guigui?

— Resolvi que Igor é nome demais pro Igor. Ele é fofinho, parece mais com Guigui! — Disse Zoiúdo.

E foi assim que Igor só é Igor quando ele faz pipi no tapete, ou vira a lata-de-lixo. Mas, nas horas de frio, quando a gente fica na sala, batendo papo com Zoiúdo e Furtacor, Igor é Guigui, coisa fofa, de focinho gelado e olhos doces.

"Zoiúdo cria um problema veterinário"

Quando Zoiúdo pulou do bolso do casaco de Tato, Dr. Carlos, o veterinário, ficou de olho arregalado, olhando para os zoiúdos olhos de Zoiúdo.

— Que espécie animal é esta? — Perguntou Márcio, o ajudante.

Como o Dr. Carlos era veterinário, ficamos todos à espera da sua doutoranda opinião. Até Zoiúdo estava interessadíssimo, queria saber quem ele era, se bicho, gente, mineral, vegetal ou fantasial. Dr. Carlos colocou Zoiúdo na mesa de exame, após ter limpado a dita cuja mesa com um algodão que estava embebido em álcool, pra desinfetar.

Logo que Zoiúdo deitou na mesa, começou a lacrimejar, lacrimejar, lacrimejar. Lacrimejava tanto, que Márcio teve que pegar uma bacia, onde as lágrimas de Zoiúdo caíam, em torrentes de pranto.

Dr. Carlos não sabia o que fazer. Estava com um termômetro na mão, mas Zoiúdo não tinha axilas, nem fiofó, nem boca... Como é que o pobre do doutor poderia tirar a temperatura?

— Enfia o termômetro debaixo da pálpebra! — Cantarolou Furtacor, meio perversamente passarinho.

Como Zoiúdo só tinha olhos, não havia outro jeito: o termômetro foi colocado debaixo da pálpebra esquerda e logo a temperatura que o tal termômetro mostrava foi baixando, baixando, baixando... e o mercúrio, que é aquela coisa molhada e prateada que existe dentro dos termômetros, desceu tanto, tanto, tanto... que saiu e pingou na bacia, de maneira mágica e inesperada.

— Esta coisa não é animal, nem vegetal, nem mineral — declarou o Dr. Carlos.

— E quem sou eu, ó esculápio? — Berrou Zoiúdo, falando difícil.

Furtacor não sabia o que queria dizer tal palavrão e começou a dar beijocas nas bochechas do Dr. Carlos, para ele não se zangar.

Nesta hora, as lágrimas de Zoiúdo pararam de derramar e ele explicou:

— Eu sou todo olhos... não posso deitar numa mesa que tenha sido lavada com álcool. Fico lacrimejando, né, ó esculápio?

Tato, nervoso com o palavrão, pedia desculpas ao Dr. Carlos. Mas foi aí que Zoiúdo explicou, pois era muito lido e adorava dicionários:

— Esculápio quer dizer médico. Vem da mitologia greco-romana, deus da medicina. De modo que eu, Zoiúdo, chamei o querido Dr. Carlos de médico e não xinguei ninguém, ora!

Dr. Carlos sorriu e concordou. Era o único que sabia o que era esculápio, fora Zoiúdo.

— Acho que Zoiúdo é uma espécie oftalmológica-mitológica-brasiliense! — Declarou Dr. Carlos.

Zoiúdo adorou e pediu uma certidão. E foi assim que Zoiúdo ficou classificado e teve seus papéis em ordem, com carimbo, assinatura esculápia e tudo o mais.

Aí, como Igor, vulgo Guigui, havia sido vacinado e Zoiúdo obtivera uma certidão, Furtacor insinuou que a hora de comemorar era mais do que chegada. Embarcamos todos no fusca Petit-Pois, que tem este nome por causa de sua cor de ervilha, e fomos comer chocolates numa loja que chama Katz, que existe em Petrópolis, e é uma perdição de gostosuras.

Não foi fácil embarcar todo o mundo naquele carrinho: Márcio e Guigui, Furtacor, Dr. Carlos, Tato, eu, Zoiúdo... Na verdade, era só um cachorro, dois olhos, umpassarinho e quatro gentes, mas Zoiúdo fez questão de não abandonar a bacia de lágrimas, tirando o mercúrio antes.

— São minhas lágrimas, choradas por meus olhos, vão comigo. E eu quero ir dentro, boiando, para refrigerar minha vista!

Tato segurava a bacia, eu guiava o Petit-Pois, Furtacor voava dentro do carro, e Dr. Carlos e Márcio, educadamente, sorriam, pois eram educados.

"A farra chocolateira, que doideira!"

Chegando na loja de chocolates, foi um delírio: Furtacor viu uma torta, toda enfeitada de rosinhas de açúcar, mergulhou nela e só saiu, depois de devorá-la inteira. De modo que, enquanto comíamos chocolates assim e chocolates assados, Furtacor, sumido dentro da torta, devorara quantidades enormes. Saiu gordo, com jeito de pombo, daqueles imensos.

Dr. Carlos receitou um purgantinho, mas nem foi preciso. Passarinho come e

descome com enorme facilidade. E Furtacor, muito educado, procurou a margem do rio Quitandinha, discretamente sentou debaixo de uma hortênsia e descomeu a torta, voltando a ficar com seu jeito habitual de colibri. A hortênsia se aborreceu toda e murchou. Dizem que é por causa disso que as hortênsias sumiram das margens dos rios, em Petrópolis: culpa do Furtacor. Porque as outras hortênsias, vendo o que acontecera com a colega, se acabaram de preocupação.

Zoiúdo não participou da comilança ali na loja, mas acabou com fome, de tanto ver a gente mastigar e dizer: — Hum hum... que delícia!

Na verdade, Zoiúdo não se amarrava em doces, pois era um par de olhos. E sendo um par de olhos, quando saímos do tal banquete de chocolates, passamos por uma farmácia, que fica ali, na Rua do Imperador, chamada Farmácia Brasil. Foi Zoiúdo enxergar a farmácia, danou de gemer:

— Ui, ui... Ai, ai... Ui, ui, ui... Ai, ai, ai... Pinguitim, gotelimpim, ai, ai, de mim!

Dr. Carlos achou que Zoiúdo estava com alguma dor, alguma doença, sacou do termômetro para enfiar debaixo da pálpebra dele, mas Zoiúdo defendeu-se e fechou os olhos, bem fechadinhos, ficando totalmente trancado. E Zoiúdo berrava, com uma voz que vinha de dentro do seu fechado olhar. Era uma voz gritada-baixinchinha, muito da fecha-trancadosa:

— Ó esculápio, eu não estou com doença, eu estou com fome. Não posso ver uma farmácia que fico tiririco de saracotico, doidão por um refresco. Eu “quero um colírio”!

Márcio entrou correndo na farmácia e comprou um colírio. Tato quis pagar, mas Márcio não deixou, dizendo:

— Faço questão de oferecer um coliriozinho pro Zoiudozinho, tadinho!

E Zoiúdo sorveu três gotas de colírio pelo olho esquerdo e quatro gotas, mais uma derramada fora, pelo direito. E ficou com os olhos brilhando de felicidade, parecendo duas bolas de natal.

Enquanto isso, despedíamo-nos do Dr. Carlos e do Márcio, que adentraram num táxi. Nós voltamos a pé, para pegar o Petit-Pois, que estava estacionado perto do Obelisco e aí...

"O livro aberto"

Em frente ao obelisco de Petrópolis, ou quase em frente, existe uma livraria chamada Obelisco, é lógico. Quando deram este nome para a livraria, o obelisco-monumento danou-se todo, entortou de tanta raiva e reclamava para os guardas de trânsito:

— Prendam aquela livraria! Prendam! É um assalto, socorro! Aquela livraria filha de um papel higiênico, sem compostura, sem noção de... de... sem noção de... pois é, sem noção MESMO, ela roubou meu nome! Obelisco sou eu!

Aí, o dono da livraria, um livreiro que convivia tanto com livros que já estava ficando com um certo jeito de livro... porque, reparem bem: um casal, quando vive muito tempo junto, não fica parecendo um com o outro? Pois

Paulinho ficou com jeito de livro e acabou sendo chamado de Livro Aberto. Aí Paulinho Livro Aberto foi e disse para o monumento:

— Ó cara, deixa de onda, seu! Então você não reparou que o nome Obelisco é uma homenagem a você?

— A... a mim? — Perguntou o obelisco, meio sem graça.

— Lógico. Você não é o obelisco daqui? E a livraria não fica em frente a você? Pois é homenagem, e você ainda reclama? Ingrato!

O obelisco ficou envergonhado, deu um sorriso de cimento e pedra, entortou para o lado, fez uma curvatura e pediu desculpas.

Zoiúdo, muito do olhão arregaladão, aliás, olhões arregaladérrimos, foi pra dentro da livraria e danou de ler os títulos de todos os livros. Depois leu o nome dos cadernos. Depois leu as notas fiscais, as explicações de jogos (pois a livraria era metade livraria, metade loja de brinquedos e papelaria) e depois de tanto ler, Zoiúdo chegou perto de uns olhos azuis, muito lindos, e ficou olhando, sem piscar.

Os olhos eram de Elaine, esposa do Paulinho Livro Aberto. Zoiúdo nunca tinha visto olhos azuis tão grandes e cismou de ficar olhando sem ter nem um desconfiômetro. Elaine ficou envergonhada, não queria ficar com aquele Zoiúdo olhando fixo pra ela. Aí ela disse:

— Parece que o tempo vai esfriar, né?

Zoiúdo firme, de olhão aceso, não respondeu.

— Você não está sentindo um friozinho? — insistiu Elaine. Zoiúdo, nada. Só

ficava de olhões arregaladérrimos e danou de se apaixonar por Elaine.

— Zoiúdo, esta jovem é casada! — Disse Tato, com tato, ou falta de tato.

Paulinho Livro Aberto disse que não tinha importância. Afinal, Zoiúdo não era gente, era um monstrinho gracinha.

Zoiúdo adorou a frase e pulou no colo do Paulinho Livro Aberto, pois era um monstrinho oftalmológico, é lógico que suas paixões não tinham bestagens humanas.

De repente eu disse pro Tato:

— Cadê Guigui e Furtacor?

Realmente, estávamos tão prestando atenção a outras coisas que esquecemos de verificar se Guigui e Furtacor nos acompanhavam.

Saímos correndo pela Rua do Imperador, gritando:

— Furtacor! Guigui! Guigui! Furtacor! Furtacor! Guigui!

Os dois haviam sumido. Que calamidade!

"Em busca dos desaparecidos"

Zoiúdo ficou ultra-super-nervoso com o desaparecimento de Guigui e de Furtacor. Sempre que Zoiúdo ficava muito mal dos nervos, ele piscava, sem parar: tique-tique-tique-tique.

Todo o mundo, ali, na Rua do Imperador, começou a procurar. Muitas pessoas nem sabiam o que tinha sumido, mas procuravam. E foi assim que senhoras idosas, velhotes, freiras, Paulinho Livro Aberto, Elaine, Tato, eu, dois guardas de trânsito, vinte alunos do Colégio Sta. Isabel, três professoras do Colégio Werneck, um garotinho chamado Diego,

Ângela e Angelita, um turista paraguaio, duas senhoras ensacoladas que tinham comprado malhas numa rua que só vende malhas, um motorista de ônibus que havia comprado um sanduíche, aquele tio que você nem sabe que você tem, parente daquela sua tia anônima, prima do seu avô, por parte de sogra, todo o mundo procurava. Petrópolis inteira procurava.

— Cadê? Cadê de cadequerê? Mas cadê o quê?

— O quê?

— Cadê?

O obelisco virou um ponto de interrogação. E na praça em frente, uma estátua de D. Pedro Segundo, muito preocupado, indagava:

— Cadê?

O trânsito parou. A confusão foi tanta, que ninguém se entendia mais. E foi aí que, de repentinamente, um colibri passou por cima da confusão, batendo as asinhas e jogando beijocas. Claro que era o Furtacor! Atrás dele, muito interessado em postes, vinha Guigui. Mas o povo, que não sabia a quem se procurava, nem reparou nos achados que estavam perdidos e continuava a procurar.

Tato aproveitou, enfiou Guigui, Furtacor, Zoiúdo, eu e ele no fusca Petit-Pois, buzinou e meteu o pé no acelerador, quase atropelando o obelisco, que pulou pro lado, berrando:

— Ui!

Naturalmente, obeliscos não pulam pro lado. Mas esta história não é totalmente natural, né? Garanto, porém, que foi assim, ora!

Esqueci de contar o pior: Tato não sabe dirigir. Subimos pela Rua Santos Dumont, quase voando, viramos à esquerda, e chegamos em casa. Só que Tato esqueceu da garagem e fez o fusca subir os degraus do jardim. Petit-Pois, louquérrimo fusca, conseguiu desempenhar a façanha e estacionou no alto do jardim, bem na entrada da nossa casa, ao lado de uma roseira. Agora, Petit-Pois, o nosso verde fusquinha, ficou morando ali, bem juntinho da gente. E foi com certo espanto que ouvimos uma voz fanhosa de buzina declarar:

— Não quero dormir mais naquela garagem lá embaixo. Posso morar com vocês? Posso? Fon-fon... vocês deixam?

Lógico que deixamos. Agora o Petit-Pois dorme na sala de visitas, numa cama de pneus “GoodYear”. Guigui dorme ao lado, num tapete fofo, e rói sempre uma perna da mesa. Mas ele gosta, tadinho! E a gente viu que nosso amor por ele era imenso. Quando ele desapareceu, junto com Furtacor, que susto!

Zoiúdo dorme dentro de uma caixinha de óculos. É a caminha dele. E Furtacor dorme num lugar especial: ele fez um ninho no lustre, todo de palha trançada, uma graça.

...E nós? Nós dormimos na nossa cama. Mas Tato diz que eu ronco, aí ele vai dormir no escritório... às vezes. Tem vezes que Tato ronca, aí eu durmo no sofá,

mas a vida é isso aí, intimidade tem roncos, também. Quem ronca mais alto de todos é Guigui, o cão-de-guarda. Dorme a noite toda, como um verdadeiro cão mimado. E não é pra gente mimar?

"Igor, vulgo Guigui"

Igor foi crescendo, tal como crescem os cães pastores. Na verdade, era uma gracinha, uma ternura, um encanto. Ficou muito amigo de Zoiúdo, o Guigui. E Furtacor voava, no jardim, em volta dele.

À noite, nós ficávamos na sala. Às vezes, assistíamos televisão, outras vezes ouvíamos música.

Tato tem mania de escutar Mozart, e Igor, nosso Guigui, nas notas altas, cantava junto.

Guigui tinha orelhas meio caídas, ainda, porque era filhotinho. As orelhas dos cães pastores alemães devem ficar eretas, mas as dele ainda eram molengas e uma só ficava pra cima, a outra ficava pro lado, parecendo ponteiros de relógio, quando marcam três horas.

Zoiúdo era gozador e implicava com Guigui, gritando:

— Que horas são?

Furtacor, dando beijocas no focinho de Guigui, dizia, docemente:

— Zoiúdo, deixa o Guigui em paz!

Guigui crescia e crescia. De repente, as orelhas ficaram quase de pé, mas ficaram em cruz. E Zoiúdo gritava:

— Guigui, cruz... credo!

Aí, Furtacor defendia o Guigui e dizia que as orelhas de Guigui eram excepcionais, por isso mesmo, raras.

E Guigui foi crescendo. Tomou todas as vacinas, era escovado e mimado e começou a latir com voz de cachorrão.

Aí, no dia 22 de agosto de 1987 aconteceu uma tristeza tão triste, que se você não quiser saber, não leia.

Se você continuou a ler, é porque você sabe que as tristezas fazem parte das histórias da vida. Guigui pegou uma doença que só dá em cachorros e lobos:

cinomose. Ele havia sido vacinado, mas Dr. Carlos explicou que aquela doença era terrível, havia alguns cachorros que, mesmo vacinados, contraíam a cinomose. Uma perna do Guigui começou a tremer, e ele chorava, chorava.

Furtacor trazia aspirina, no biquinho. Zoiúdo pingava lágrimas de colírio de amor nos olhos de Guigui, nós dávamos remédios... mas Guigui chorava de dor. E aí, a outra perna começou a tremer e Guigui não conseguia parar de chorar, nem nós.

E Dr. Carlos, com o rosto pálido de tristeza, disse que era necessário fazer o Guigui dormir pra sempre. Que ele iria tomar um remédio que tiraria toda a dor dele, seria como uma cantiga de ninar. E nós só sabíamos chorar. Foi assim que, cercado de amor, Guigui partiu pra dormir pra sempre.

No lugar em que Guigui brincava, ali, no pequeno pomar, hoje, quando vim contar a história, abraçada com Furtacor e Zoiúdo, olhei para a ameixeira. Guigui adorava comer ameixas e ficava mordendo o caroço... Olhamos para a ameixeira. Seu tronco estava cheio de orquídeas em flor. As flores surgiram tão repentinamente, tão lilases e lindas, como se a árvore quisesse fazer uma festa de cores roxas... mas mesmo assim, belas.

Aí, Furtacor beijou todas as orquídeas, como se beijasse o focinho de Guigui.

Zoiúdo não chorou nem sequer uma lágrima. E eu compreendi que Zoiúdo, com o seu silêncio, queria nos dizer que a morte faz parte da vida e que novas cores florescerão. Basta saber ver.

Sei que tudo isso é difícil de explicar. A gente sabe e sofre. Mas as orquídeas são bonitas ao sol e o automóvel Petit-Pois fez uma linda proposta:

— Vamos ser felizes, em memória de Guigui!

Aí, aceitamos tentar. E fomos todos almoçar com Elaine, a dos belos olhos azuis, e com Paulinho Livro Aberto.

Escolhemos para isso um restaurante chamado Vale do Reno, cercado de flores. Comemos e conversamos. Eu, que estava de regime, me deliciei com duas sobremesas. E o dono do restaurante, Leonardo, sorrindo, me trouxe duas xícaras de cafezinho.

Assim, mesmo com certa dificuldade, reencontramos os sorrisos.

E depois fomos todos ao circo, para reaprender a sorrir melhor.

"O circo Moscovita"

Ali, perto de Correas, em Petrópolis, chegou um circo de lona azul e cor de laranja. Era simples, lindo, mambembe.

Não existe nada mais lindo do que um circo bem mambembe, com seus palhaços pobres, sua atmosfera verdadeiramente circense. Não tinha nada que lembrasse programa de televisão, ou aquelas coisas que a gente vê em cinema. Era algo feito de sonho e gente, bicho e mistério.

Chegamos atrasados. Tato correu na frente, como um menino aflito, pois Tato tem mania de circo, apesar de já ser vovô.

Petit-Pois, por ser automóvel, não podia entrar. É proibida a entrada de fuscas, explicou a moça que vende os ingressos. Mas como Petit-Pois começou a buzinar de desolação, o palhaço ficou com pena, viu, entendeu, suspendeu um pedacinho da lona e Petit-Pois deu uma chegadinha, escancarou os faróis e armou um sorriso de pára-choque.

Lá dentro, uma mulher andava na corda bamba, um anão fazia acrobacias, uma anã bonitinha dançava fora do ritmo. Tinha também uma macaquinha, chamada Chiquete, que usava uma roupa de bailarina, toda bordada de lantejoulas.

Os palhaços eram três: o anão da acrobacia, um gordo e outro magro. Depois, eles apareciam como “los muchachos mexicanos”, com grandes sombreros, enquanto um disco esganiçava uma cantiga que dizia: "Ai, jalisco..." sei lá o quê, nem sei se era isso mesmo. No número de mexicanos, eles jogavam trinta chapéus pra cima e pegavam todos com as cabeças.

E apareceu um número diferente: o palhaço comprido anunciou que era a hora do concurso dos desenhos sobre circo. E várias crianças entraram no picadeiro, vindas da platéia, com desenhos feitos por adultos, fingindo que eram desenhos de crianças. A criança que trouxesse o melhor ganharia um prêmio, em dinheiro.

Apareceu, também, um meninozinhozinhozinho, muito pequeno, com um desenho enorme, todo melado de purpurina. Como ele era o menor, lógico, ganhou o primeiro lugar. Só que na hora de mostrar o desenho, ele chamou o palhaço de papai... Que marmelada!

Mas, foi assim, ora. E depois, Zoiúdo disse:

— Criança deve desenhar por desenhar. Concurso pra ver quem desenha melhor é bestagem!

"Dois meses depois"

Foi preciso passar mais de dois meses para que eu pudesse voltar a conversar com você. A perda de Guigui doía muito, e perdi a vontade de alegrar histórias.

Zoiúdo, tadinho, ficou lacrimejando escondido. Quando eu chegava de repente, ele piscava, mentindo que tinha caído uma pestana dentro do olho.

Mas aconteceu algo importante no nosso jardim: Furtacor voa-voava pra lá, voava pra cá... E descobrimos um ninho, ali, no escondido das samambaias. Era um trançadinho lindo e, dentro, havia três ovinhos.

— Minha amiga Sabiá está de choco! — Explicou Furtacor, muito emocionado.

Zoiúdo foi ver. Nós fomos também. Petit-Pois foi proibido de chegar perto, porque é muito barulhento, podia assustar a dona Sabiá.

Olhamos os ovinhos. De longe, a dona Sabiá mostrava uma certa preocupação, mas Furtacor voou até ela e falou assim, muito do rimadinho:

“Dona Sabiá, pluma de cantar,
pena de voar, mãe de três ovinhos,
não se preocupe com os seus vizinhos,
são pessoas bem, querem só olhar,
pode sossegar!”

E depois de dizer o verso, Furtacor sapecou uma beijoca na dona Sabiá, que respondeu:

— Tenha modos... sou mãe de família!

Poucos dias depois, nasceram Tico, Tiquitico e Tiquititim. Nasceram de bico aberto, pedindo comida.

E foi aí que Tato saiu e voltou com um pratinho de água fresca e um pires cheio de farelo de biscoito amanteigado de Petrópolis. Foi uma festa!

Nesse momento, Zoiúdo declarou:

— Nada como um dia depois do outro.

Petit-Pois ficou tão comovido, que começou a buzinar, a buzinar aquela buzina que é alarme. Dona Sabiá tampava os ouvidinhos dos filhotes, dizendo:

— Eles vão se assustar! Façam este bicho-carro emudecer, credo!

Mas Petit-Pois não parava. Foi preciso Zoiúdo dar um susto nele, ficando na frente do carro e entortando os olhos. Aí, Petit-Pois se acalmou, dizendo:

— Desculpem. Fiquei com soluço... foi muita emoção!

"A viagem"

Recebi um telefonema de Salvador. Era difícil de escutar o que a Ivone dizia, lá do outro lado. Porque, logo que eu disse: — É de Salvador? — Furtacor começou a dar beijocas no telefone, mexendo as asas pra lá e pra cá e acabando por cantar, muito requebradinho, uma cantiga que dizia assim:

“Na Bahia tem,
vou mandar buscar,
lampeão de vidro, ó maninha,
ferro de engomar”!

Zoiúdo veio se chegando e se intrometeu na minha conversa, berrando com seu olhar muito falador:

— Lógico que vamos para a Bahia, Ivone, é imediato, de fato! Sua livraria fica onde? Em Itapoã... ou Itapoan? Como é que se escreve? Ah, o Caymmi sabe? E você mora na Rua Dorival Caymmi? Então melhorou demais! Nem conheço sua casa, mas já tô com saudades de Itapoan!

Fiquei sabendo que iríamos a convite da Livraria Criação. E, pernas pra que te quero, fomos fazer as malas, voando. Quer dizer, nós que andamos, Tato e eu, voamos. Zoiúdo foi no bolso da minha blusa. Agora o Furtacor, que costuma voar, foi

andando, aos pulinhos. Cada um mudou seu jeito de locomoção, menos Zoiúdo, que está sempre na dele, mesmo quando fica emocionado.

Tato já começou a implicar:

— Sylvia Orthof, por favor... (quando ele implica, ele usa o meu nome inteiro. Quando fica com raiva, aí fala o nome inteirézimo: Sylvia Orthof Gostkorzewicz... uf! Puf!). Você vai levar esta malona, ó Sylvia Orthof Gostkorzewicz?

Furtacor voou pela janela e foi tomar um suco de rosa, porque toda vez que ele escuta meu nome inteirinho, ele se sente mal. Mas a culpa não é minha, é que casei com Samuel Gostkorzewicz, vulgo Tato, e fiquei com este nomão palavrótico!

— Ora, Samuel Gostkorzewicz, vulgo Tato, eu preciso levar roupa de calor, para o sol de Salvador. E roupa de chuva, para a chuva de Salvador, ai, Deus me acuda! E quer fazer o favor de se meter com a sua mala e não implicar com a minha?

Fizemos as malas. Naturalmente, a mala de Zoiúdo é um estojo de óculos, de couro, uma graça de mala ocular. E ele sempre viaja dentro, porque assim, quando ele quer, ele sai, mas quando tem muita poeira, ele se mete no estojo, para não lacrimejar. Zoiúdo levou, também, para o sol de Salvador, uma roupinha especial: um par de óculos escuros, lindo!

Furtacor pediu emprestado um chapeuzinho de palha de um boneco fantoche aqui de casa, dizendo:

— Ó Mamulengo Janeiro, devolvo logo que eu voltar, tá? — E sapecou uma beijoca em Janeiro, que é um boneco nordestino, muito metido a machão, que respondeu:

— Homi... não! Comigo, só quem me beija é muié das bunitas, ó cumpadre Furtacor! Mas já que fui beijocado, e você é passarim, boa viage, num s'esqueça de mim!

E lá fomos nós, de Petrópolis para o Rio de Janeiro. Zoiúdo se meteu dentro do estojo, porque tinha medo de olhar os despenhadeiros. Beija-flor, de chapeuzinho já, apesar de ainda não estar na Bahia, saía voando do ônibus, toda hora, para beijar alguma Maria-sem-vergonha. Maria-sem-vergonha é uma flor rosa-vermelha-roxa-branca-laranja... que gracinha, que nasce em qualquer lugar. Por isso, ficou com este nome de Sem-vergonha, o que ela acha o máximo. Uma delas disse:

— E ter vergonha é bom? Vergonha é roubar e não saber carregar!

As outras Marias-sem-vergonha concordaram e davam gargalhadas escandalosas. Furtacor, alucinado, beijava todas, depois voava, numa velocidade de mil batidinhas de asas por minuto, atrás do ônibus.

Chegamos na Estação Rodoviária do Rio, finalmente. Furtacor estava exausto, de olheiras, esgazeado de tantos beijos.

"Explicações turísticas"

Esqueci de explicar um explicadinho importante: quem mora em Petrópolis, cidade serrana, pra ir pra Salvador, tem que descer por uma estrada de ziguezague... ui, olha o despenhadeiro, cuidado, ó... Que linda vista laaaaaá embaixo, gente! Sempre que a vista é linda, não sendo mar, é altura olhando pra baixo. Se não é sempre, é quase sempre. Por isso, descemos de Petrópolis, que fica no alto, para o Rio, que fica no baixo (fora o Pão de Açúcar, Corcovado, etc.) e de lá, seguimos, de táxi, para o aeroporto do Galeão.

Quem chega de Petrópolis para o Rio pega táxi na Estação Rodoviária. Os motoristas dali, salvo talvez uma pequenérrima exceção, são "ultra-superdelicados". A gente pegou um táxi que tinha um motorista magrela, de barba rala, com cara de pouca conversa.

— Bom-dia! — Disse Tato, adentrando no táxi.

— ...

— Bom-dia! — Repeti, achando que o motorista não havia escutado.

— ...

— Pois é, ele não queria responder, pelo jeito. Aí, Tato disse:

— Por favor, pode nos levar para o aeroporto do Galeão?

— ...

— Pode? — Insisti.

— ...

Foi demais tanta falta de resposta para a sensibilidade de Zoiúdo, que pulou de onde estava e ficou boiando no ar, olhando firme, bem firme, para os olhos do motorista. O motorista enviesou um olho, enviesou o outro. Zoiúdo fez o mesmo. Aí, Zoiúdo vesgo, boiando no ar, e o motorista vesgo, sentadão.

— ... O que... mas o que é esta coisa? — Falou, finalmente, o homem, suando de pavor.

— Eu sou um monstrinho encantador e exijo que o senhor diga bom-dia!

— Bom...bom...bom...bom...dia! — Gaguejou o motorista.

— Nós vamos para o aeroporto do Galeão, devagar, bem dirigidinhos, taxímetro dentro das regras da lei, entendeu?

— En...entendi.

O motorista, apavorado, começou a falar delicadezas:

— Hoje está fazendo calor, não é? Os senhores querem que eu abra mais os vidros, ou está ventando muito? Porque madame vai viajar, pode despentear os cabelos...

Pois é: até que com a ajuda de Zoiúdo, tudo ficou agradável. E de repente, Furtacor bateu as asinhas e sapecou um beijo de agradecimento no nariz do motorista. O susto foi tamanho que o táxi quase atropelou um guarda de trânsito.

Foi nesta exata hora, com sustos e aflições, que chegamos ao aeroporto. Bagagens pra lá, bagagens pra cá... Furtacor se escondeu escondidinho dentro da minha bolsa, porque passarinho só pode voar por conta própria, com as asinhas lá dele. Passarinho no avião, só engaiolado. E nós não somos de engaiolar quem quer que seja, muito menos o nosso Furtacor beijoqueiro. Zoiúdo foi no estojo de óculos, como sempre. E depois de esperar um tico, lá fomos nós, rumo a Salvador, asas pra que te quero?

"Oi, Bahia!"

Em Salvador, à nossa espera estava a Ivone, simpática livreira especializadíssima em literatura infantil, vatapás e feitiços outros. Fomos pra casa dela, onde conhecemos Thiara e Taiane, duas meninotas lindas. Furtacor atirou-se, aos beijos, em cima das meninas, pensando que as baianinhas fossem flores. Aí, a porta escancarou-se, e Furtacor sapecou um beijo num barbado: era Jorge, pai das meninas-flores, marido de Ivone. O susto foi grande, mas na Bahia ninguém se espanta demais com coisas de faz de conta.

Zoiúdo, muito à vontade, cochilava, deitadinho num cinzeiro vermelho

redondo, que Ivone tem na sala. Ivone fuma sem parar, aí, sem notar que Zoiúdo estava no cinzeiro, sapecou cinza nele. Foi um deus-me-acuda! Zoiúdo saiu, aos berros:

— Entrou cinza quente nos meus olhos! Incêndio! Bombeiros! Socorro! Socorro! Bombeiros!

A gritaria foi tamanha, que, mesmo sem ter fogo, os bombeiros chegaram, chamados às pressas pelos vizinhos, que escutaram o berreiro. Entraram por dentro do apartamento, esguichando água. No meio da confusão, todos ficaram ensopados, inclusive umas visitas que vinham chegando: Fátima e Ana (que descobri depois que nem eram visitas, quase moravam ali). Aprendi também que em casa de baiano mora gente adoidado, sai e entra, uma beleza! Parece estação rodoviária, todo o mundo se beijando, como se não se vissem há muito tempo. No meio de tudo, a Meinha, que era cabeleireira à tarde, cozinheira pela manhã, toda essa gente, pulando, em poças e esguichos.

Depois do apartamento parecer uma lagoa de Abaeté, de tão molhado, a loucura continuou: Meinha aproveitou e virou lavadeira e começou a lavar roupa na poça da sala de jantar. Junto, lavou Zoiúdo, que esperneava suas pestanas, pois não tinha pernas pra espernear pernas, berrando:

— Ui, ui, ai, ai, sabão arde!

Finalmente, Furtacor teve uma idéia para terminar toda aquela confusão aquática: pediu à Fátima que pingasse um colírio nos olhos de Zoiúdo. Aliás, como Zoiúdo era “todo olhos”, Zoiúdo tomou banho de colírio, dentro do cinzeiro, devidamente lavado pelos esguichos dos bombeiros baianos.

Tato, meio tímido, perguntou para Jorge e Ivone:

— Será que estamos incomodando?

Jorge, com um rodo nas mãos, ajudado por Thiara, Taiane, Ivone, Ana, Meinha, vinte bombeiros e quem mais chegasse, enxugava, com enorme esforço, o apartamento, dizendo:

— Que nada! É um “imenso” prazer.

Foi aí que apareceu, voando para dentro da janela da sala de estar, uma figura voadora e gargalhante. Era Uxa, montada numa vassoura, cantando:

“Na Bahia tem,
vou mandar buscar,
água de esguicho, rabicho,
rodo de secar!
Na Bahia tem,
é só remexer,
bruxa-fada Uxa, maninha,
tem muito dendê”!

Quando Uxa apareceu, junto com ela voou um caldeirão, que tinha uma boca de forno e chupava toda a água restante do apartamento, tipo aspirador, entende? Não entende? É porque você não conhece direito Uxa. Tem dias em que ela acorda danada de boazinha, bota uma peruca loura, óculos de coração e diz:

— Sim, sim, sim, lógico, certamente!

Nesses dias, Uxa é fada, ótima de bondades mil. Mas tem dias em que Uxa acorda danadona, fica meio roxa, balança a pança, monta na vassoura, descabeladíssima, e diz:

— Não, não, porca miséria, “strogonof” de urubu, pum de avestruz, neca de pitibiriba!— Nessas horas, saia de perto, que ela fica bruxentinha, porém gozada. Porque Uxa, gorducha, é meio bruxa, meio fada, tal como muita gente, dependendo da hora.

Zoiúdo, ao enxergar Uxa, deu um pulo nos braços dela, chorando de alegria e dizendo:

— Tia Uxa, queridona titiona, há quanto tempo!

Uxa deu um beijão em Zoiúdo e soluçou de tanta emoção:

— Meu sobrinhozizizizinhozizinho Zoiúdo, amorequinho, flor de maracujá de minha vida... Bons olhos te vejam!

Furtacor, meio enciumado, começou a sapecar beijos por toda a parte, só para chamar atenção: beijou Uxa na pontinha da orelha esquerda, beijou a vassoura, ocaldeirão, ali, na boca de forno dele. Mas o caldeirão estava ainda chupando a água do apartamento... e Furtacor, num chupão caldeironístico, foi pra dentro do caldeirão. Ainda bem que o caldeirão, muito boa pessoa, notou o acontecido, deu uma

cuspidela e cuspiu o beija-flor.

Enquanto os bombeiros iam embora, comendo acarajés que Ana e Fátima ofereciam, o apartamento, sequinho, entrou numa ordem relativa.

Em Salvador, iríamos visitar umas muitas mil e pouquinhas escolas, credo!

Daí... vou contar um segredo. É coisa muito secreta... “psiu”!

"Este capítulo foi escrito
por uma bruxa Uxa;
Sylvia Orthof não tem nada com isso, tá?"

Eu, Uxa, bruxa e fada, dependendo da hora, resolvi continuar a escrever este livro com a minha vassoura. Não uso lápis, nem caneta, nem máquina de escrever. Eu escrevo com a minha vassoura-esferográfica, ora bolas, carambolas!

Vou contar um segredo secretíssimo:

Quando convidam a Sylvia para visitar escolas, quem vai no lugar dela sou eu, a bruxa Uxa. Eu me disfarço, vou de Sylvia, mesmo porque Tato já me desenhou parecida com ela. Lógico que Zoiúdo vai comigo!

Enquanto finjo que sou Sylvia e visito a criançada nas escolas, faço a Orthof dormir com as palavras encantadas que digo:

“Durma, durma no teu ronco,
ronca, ronca, pronto, pronto,
bruxaria está no ponto”!

Este versinho é super-hipermágico! Se você repetir para alguém que esteja ouvindo esta história, a pessoa pode adormecer por dois motivos:

1º motivo: As palavras encantadas funcionam.

2º motivo: Este livro é chato, não funciona, faz dormir.

Mas como eu ia dizendo, eu, Uxa, visito crianças no lugar de Sylvia e me divirto adoidado!

Daí, as crianças fazem perguntas para a "escritora"... que sou eu, bruxérrima:

— Sylvia, o que você gostaria de ser; se não fosse escritora?

— Eu gostaria de ser a morcega Jambetisa, que mora numa árvore da Praça General Osório. Ela é uma morcega encantadora, adora goiabada!

— Sylvia, o que você sente, quando escreve?

— Sinto muito, sobretudo, quando escrevo. Sinto ter que escrever. Prefiro voar na minha vassoura... hi, hi, hi!

— Sylvia, qual é o seu livro preferido?

— Meu livro preferido é o livro da Meia-Noite Bruxenta. Gosto, também, de reler as receitas de minha bisavó. São receitas de sopas... daquelas, né?

— Sylvia, ó Sylvia Orthof, como é o seu nome em português?

Depois de ter ouvido esta pergunta (juro que ouvi!), só pude responder; balançando a pança:

— Meu nome, em português, é Gostkorzewicz!

(Depois de tanta bestagem, vou acordar a Sylvia e ela vai continuar a escrever este livro. Bruxa, na verdade, não é muito dada a ser intelectual. Isso cansa a minha beleza, uf!)

"Depois de Salvador, de repente, estou de volta pra casa!"

Pois é, nem sei o que aconteceu... Será que sonhei que estive em Salvador? Cheguei a ter um pesadelo: eu era uma bruxa, imaginem! Mas agora, estou de volta a Petrópolis e o livro está acabando.

Zoiúdo pisca estrelas, porque lembrou dos olhos azuis de Elaine. Depois, Zoiúdo esquece, deita na sua caixa de óculos e cochila.

O fusquinha está no jardim, iluminando com seus faróis uma rosa esplêndida, atual namorada do beija-flor Furtacor. E acontece um beijo de colibri na rosa ou de rosa no colibri... (Colibri e beija-flor é a mesma coisa, sabia?) E o beijo foi tão beijão, que o fusquinha, discreto, apagou os faróis.

Tato começou a ilustrar este livro, reclamando do papel. Ele diz que não fabricam papéis, como antigamente.

Aos meus pés, dorme um novo cachorrinho. O nome dele é loiô, muito amigo de Zoiúdo.

Em cima de loiô mora uma pulga que pula, dança, dá um pulo e vai pra França.

Uxa virou fada: tricota toucas de lã para as vassouras de bruxas pobres. O inverno, em Petrópolis, é gelado.

Zoiúdo espirra pelos olhos:

— Atchim!

De repente, resolvi inventar um cobertor para o frio, um cobertor especial para Zoiúdo: tinha que ser aquela flanelinha que acompanha os óculos, dentro dos estojos que chegam das óticas. São pedacinhos de flanela, próprios para limpar as lentes... Flanela é um pano quentinho. Enrolei Zoiúdo na flanelinha, ele piscou um obrigado, quase espirro:

— A...fim!

— Zoiúdo é um par de olhos que sonha. Com quem sonha Zoiúdo?

— Zoiúdo sonha com você!

— A...a...fim!